

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA EM
LETRAS / PORTUGUÊS**

NÍQUEL NÁUSEA



FERNANDO GONSALES



FUNDAMENTOS GRAMATICAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA

1º semestre



PROGRAD



Ministério
da Educação



Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad

Ministro do Estado da Educação

Ronaldo Mota

Secretário de Educação Superior

Carlos Eduardo Bielschowsky

Secretário da Educação a Distância

Universidade Federal de Santa Maria

Clóvis Silva Lima

Reitor

Felipe Martins Muller

Vice-Reitor

João Manoel Espina Rossés

Chefe de Gabinete do Reitor

Alberi Vargas

Pró-Reitor de Administração

José Francisco Silva Dias

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Aílo Valmir Saccol

Pró-Reitor de Extensão

Jorge Luiz da Cunha

Pró-Reitor de Graduação

Nílza Luiza Venturini Zampieri

Pró-Reitor de Planejamento

Helio Leães Hey

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

João Pillar Pacheco de Campos

Pró-Reitor de Recursos Humanos

Fernando Bordin da Rocha

Diretor do CPD

Coordenação de Educação a Distância

Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso

Coordenadora de EaD

Roseclea Duarte Medina

Vice-Coordenadora de EaD

Roberto Cassol

Coordenador de Pólos

José Orion Martins Ribeiro

Gestão Financeira

Centro de Artes e Letras

Edemur Casanova

Diretor do Centro Artes e Letras

Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

Coordenadora do Curso de Graduação em

Letras/Português a Distância

Elaboração do Conteúdo

Nara Augustin Gehrke

Professora pesquisadora/conteudista

Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação - ETIC

Carlos Gustavo Matins Hoelzel

Coordenador da Equipe Multidisciplinar

Ana Cláudia Siluk

Vice- Coordenadora da Equipe Multidisciplinar

Luciana Pellin Mielniczuk

Coordenadora da Comissão de Revisão de Estilo

Ana Cláudia Siluk

Coordenadora da Comissão de Revisão Pedagógica

Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

Silvia Helena Lovato do Nascimento

Coordenadoras da Comissão de Revisão de Português

André Dalmazzo

Coordenador da Comissão de Ilustração

Carlos Gustavo Matins Hoelzel

Coordenador da Comissão do Design de Interface

Edgardo Fernandez

Marcos Vinícius Bittencourt de Souza

Coordenadores da Comissão de Desenvolvimento da Plataforma

Lígia Motta Reis

Gestão Administrativa

Flávia Cirolini Weber

Gestão do Design

Evandro Bertol

Designer

ETIC - Bolsistas e Colaboradores Revisão de Estilo

Renata Córdova da Silva

Revisão Pedagógica

Andressa da Costa Farias

Luciana Dalla Nora dos Santos

Luiza Cátie da Rosa Oliveira

Revisão de Português

Sabrina dos Santos Cardoso

Projeto de Ilustração

Camila Rizzatti Marqui

Figuras A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, B1, B2, B3, B4, B5, B6, B7, B8, B9, B10, B11, B12, B13, B14, C2, C3, C4, C5, C6 e C7

Flávia Cirolini Weber

Figura C1

Lucas Müller Schmidt

Figura D1

Sonia Trois

Figura D2

Design de Interface

Bruno da Veiga Turner

Evandro Bertol

Isac Corrêa Rodrigues

Lucas Müller Schmidt

Diagramação

Camila Rizzatti Marqui

Evandro Bertol

Desenvolvimento da Plataforma

Adílson Heck

Cleber Righi

Diego Friedrich

Sumário

Apresentação	5
UNIDADE A - Introdução aos estudos gramaticais	6
Objetivos	6
Introdução.....	6
1. Concepções e conceitos básicos	11
1.1. Linguagem	11
1.2. Língua.....	12
1.3. Gramática	12
1.4. Adequação da linguagem	13
UNIDADE B - Organização frasal e pontuação	17
Objetivos	17
Introdução.....	17
1. Padrões frasais básicos na organização do período simples.....	18
1.1. Frase nominal e frase verbal	18
1.2. Os cinco padrões frasais básicos	21
1.3. A junção dos padrões básicos	27
1.4. Padrões frasais com verbos auxiliares.....	31
1.5. Padrões frasais com termos expandidos.....	33
1.6. O vocativo	38
1.7. A pontuação do período simples	40
2. Alterações nos padrões frasais	41
2.1. Inversão na ordem dos termos	41
2.2. A construção passiva	45
3. Junção dos padrões frasais no período composto	47
3.1. Orações coordenadas.....	48
3.2. Orações subordinadas.....	53
3.3. Orações reduzidas.....	60
3.4. A pontuação do período composto.....	63
UNIDADE C - Relações sintáticas	64
Objetivos	64
Introdução.....	64
1. Regência	65
1.1. A regência e os padrões frasais	65
2. Concordância	70
2.1. Concordância verbal	70
UNIDADE D - Problemas de construção frasal	76
Objetivos	76
Introdução.....	76
1. Fragmentação	77
2. Falta de paralelismo.....	79
2.1. Paralelismo nas correlações	81
2.2. Paralelismo do “e que”	82
2.3. Falso paralelismo	82
2.4. Paralelismo semântico	83
3. Ambigüidade.....	84
Bibliografia	87

Apresentação

A disciplina Fundamentos Gramaticais em Língua Portuguesa sistematiza e aprofunda conhecimentos sobre a gramática da língua portuguesa. Ao final dela, você deverá ser capaz de reconhecer e descrever a configuração do padrão frasal contemporâneo da língua portuguesa, para operar, consciente e criativamente, com os recursos lingüístico-sintáticos de construção do sentido.

No início do curso, destacamos as concepções de *linguagem*, *língua e gramática*. A seguir, apresentamos a divisão dos estudos gramaticais proposta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Seguindo as orientações da NGB e introduzindo a noção de *padrões frasais*, abordamos a *sintaxe do período simples* e a do *período composto* e tratamos das *relações sintáticas de concordância, regência e colocação*. Complementar a esse estudo, sistematizamos conhecimentos sobre *pontuação e problemas de frase*.

As 60 horas estão distribuídas de modo que a introdução da teoria contemple sempre a dimensão prática através da análise de manchetes de edições atuais de jornais brasileiros. Propomos também atividades de leitura e análise de alguns *gêneros textuais* e sugerimos a leitura de textos de renomados lingüistas para você acompanhar as discussões atuais sobre a nossa língua. As atividades de avaliação e acompanhamento de seu desempenho estarão disponibilizadas no ambiente, sendo apresentadas segundo a ordem prevista no cronograma da disciplina. Para contato com o professor, poste mensagens em estudosgramaticais@yahoo.com.br

Æ GLOSSÁRIO

A NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) foi criada em 1959, para uniformizar e simplificar a nomenclatura dos termos gramaticais usados no Português Brasileiro.

+ SAIBA MAIS

Gêneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciados que estão associados a determinadas esferas da atividade humana (Bakhtin, 1992). Cada gênero, além da semelhança estrutural, compartilha também dos mesmos objetivos comunicativos. Assim, são exemplos de gêneros textuais cartas, reportagens, bulas de remédios, charges, crônicas, publicidades, leis, boletim de ocorrência, receita culinária, lista telefônica, entre outros incontáveis exemplos que você pode encontrar no seu dia-a-dia.

UNIDADE A

Introdução aos estudos gramaticais

Objetivos

- confrontar diferentes concepções de linguagem, língua e gramática;
- reconhecer a ligação estreita entre concepções teóricas e práticas do trabalho com a língua, refletindo criticamente sobre ela;
- distinguir entre correto x adequado no tratamento das variedades lingüísticas;
- associar contextos de uso às modalidades oral e escrita da língua e aos níveis coloquial e padrão da linguagem.

Introdução

Nesta unidade, você vai conhecer alguns conceitos fundamentais para um estudante de letras. Entre eles estão as concepções de linguagem, língua e gramática, bem como as diferenças entre o padrão culto e o coloquial de uso da língua.

Primeiramente, serão propostas algumas atividades iniciais para que você se situe na área principal do nosso estudo: a GRAMÁTICA.

Você tem em casa ou conhece alguém que tem alguma gramática? Entendemos por gramática obras de autores como CUNHA, LUFT, BECHARA, CUNHA E CINTRA ou SACCONI, que descrevem as principais estruturas da língua portuguesa. Na bibliografia indicada para nossa disciplina, você encontra as referências completas desses autores.

Na escola, provavelmente, você usou alguma **gramática didatizada**, isto é, um livro com a descrição da língua portuguesa + exercícios para reforçar os conhecimentos trabalhados. Essas obras não são gramáticas puras, pois têm como objetivo principal apresentar os estudos gramaticais já sistematizados pelos gramáticos com uma abordagem para o ensino na escola, tendo, assim, caráter pedagógico.

Algumas práticas iniciais com língua(gem)

Antes de iniciarmos com a teoria, vamos exercitar nossa sensibilidade para as questões lingüísticas. No que segue, iremos explorar algumas possibilidades de emprego da linguagem verbal, associada, em algumas ocasiões, com a **não-verbal**, para veicular informação explícita ou deixar subentendidos, expressar determinados pontos de vista, entreter ou gerar humor crítico.

+ SAIBA MAIS

Boas gramáticas são fundamentais para um estudante de letras, e o ideal seria você adquirir pelo menos uma dessas obras. Que tal pensar em iniciar sua biblioteca com uma gramática? Ah! Não se esqueça de um bom dicionário no seu acervo!

Æ GLOSSÁRIO

Linguagem verbal é aquela constituída por sons da fala (fonemas) ou letras. A **linguagem não-verbal** pode ser constituída por imagens, gestos, músicas, sinais de fumaça, luzes, e tantos outros códigos capazes de repassar informações.

Com essas práticas, estamos centrando nossa atenção nos recursos da língua que temos a nosso dispor para construirmos nossas interações. É necessário, porém, termos conhecimento sobre eles para poder dominá-los.

Leia a tirinha abaixo.



Figura A.1 - Aliteração (Folha de S. Paulo, 13/09/00).

Você notou que, para fazer graça, humor, o autor do texto empregou, no primeiro quadrinho, várias palavras iniciadas por /f/? Esse recurso se chama aliteração e consiste no uso de fonemas idênticos ou parecidos no início de várias palavras na mesma frase ou verso. Onde se encontra a descrição dos sons na gramática?

A parte da gramática que trata da realização (física) dos sons e de suas articulações é a FONÉTICA, cabendo à FONOLOGIA tratar a dimensão lingüística dos elementos e unidades descritas pela Fonética. Em geral, esse estudo está no início das gramáticas.

Leia os dois quadrinhos abaixo.



Figura A.2 - Coletivo de homem (Folha de S. Paulo, 30/03/92).



Figura A.3 - Sujeito (Quino. O irmãozinho da Mafalda. São Paulo, Martins Fontes, 1999).

Você notou como os autores exploraram criativamente a ambigüidade das palavras *coletivo* e *sujeito*? Um dos sentidos dessas palavras remete a duas noções gramaticais: *coletivo* está tratado na segunda parte das gramáticas, a MORFOLOGIA, e *sujeito*, na terceira parte, que trata da SINTAXE.

PARA REFLETIR: *Coletivo* e *sujeito* também remetem a outros sentidos: coletivo pode ser um sinônimo para ônibus e sujeito pode ser entendido como pessoa, indivíduo. O humor é decorrente de se manterem os dois sentidos nas tirinhas, isto é, a ambigüidade aqui é proposital.

Na próxima tira, veja como **Garfield**, aquele gato conhecido por sua monumental preguiça e insaciável apetite, encontra um novo (e criativo) contexto para o uso do coletivo manada.



Figura A.4 - Coletivo de hambúrguer - (Davis, J. Garfield: Garfield está de dieta. Porto Alegre: LPM, 2006).

Na notícia apresentada a seguir, vamos observar como os usuários da língua criam palavras conforme novos contextos surgem.

Leia a manchete **Produtores protestam com um tratoração na Capital** e volte sua atenção para a foto, que destaca, em primeiro plano, a imagem **hiperbólica** dos pneus dos tratores.



Concentração começou ontem em Esteio

Æ GLOSSÁRIO

Hipérbole é uma figura de linguagem que se caracteriza por exagerar a realidade. Exemplo: Marcos é milhões de vezes mais bonito que Pedro

Produtores protestam com um tratoração na Capital

Insatisfeitos com a falta de apoio do governo, produtores rurais realizam protesto hoje, nas principais rodovias estaduais e federais. No RS, agricultores de diversos pontos do Estado passaram a noite no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, em concentração para a carreata que parte hoje para Porto Alegre e que deverá parar o Centro nesta manhã. Pelo menos 350 tratores, 26 caminhões e cem ônibus participam da manifestação, batizada de SOS Rural. O tratoração sairá de Esteio às 7h e o ato público em frente ao prédio do Ministério da Fazenda está marcado para as 10h. São esperadas mais de 2 mil pessoas. Produtores de Alegrete preparam um grande carreteiro, que será servido na Capital. O movimento nacional, liderado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil e por federações, cooperativas, parlamentares e agricultores, vai ser realizado em Goiás, Paraná, Tocantins, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Figura A.5 - Hipérbole (Correio do Povo, 31/05/2005).

PARA REFLETIR: Poderíamos dizer que *tratoração* está relacionado com a idéia de *tamanho grande*? Para respondermos SIM ou NÃO embasados em conhecimento da língua, devemos procurar, na gramática, a parte que trata da formação de palavras, isto é, a MORFOLOGIA.

Quando estudamos a formação de *trator + ação*, vamos encontrar diversas informações sobre esse sufixo: **ação** em *golação*, *mulheração* e *panelação* tem sentidos diferentes: um gol espetacular, uma mulher muito bonita e um movimento social feito, na época da abertura política, por donas-de-casa que usavam a panela como instrumento de protesto.

Na notícia em análise, *tratoração* tem sentido de trator grande, espetacular ou de movimento social, reivindicatório?

Se você pensou na última alternativa, acertou! O título da notícia destaca o movimento dos produtores rurais gaúchos que usaram o trator como instrumento de **protesto**.

Abaixo há uma seqüência de três frases que, juntas, formam uma unidade de sentido e são empregadas como título de reportagem.

Adolph Hitler amava Eva Braun? Adolph amava Eva? Adolph amava?

Vamos fazer uma leitura do título acima com a ajuda da nossa amiga gramática. Com que elementos lingüísticos se constrói esse título? Se você pensou em dois **substantivos** e um **verbo**, acertou! Do ponto de vista sintático, quais são as relações que essas palavras mantêm entre si? Para responder a essa pergunta, vamos prestar atenção na posição dos substantivos: o que percebemos?

Bem, dois substantivos próprios, um de cada lado do verbo: à esquerda, o nome próprio esclarece a pergunta QUEM AMA, isto é, o **substantivo** está desempenhando a função de **sujeito**. À direita, o nome próprio esclarece o questionamento AMA QUEM, isto é, o substantivo desempenha a função de **objeto direto** do verbo amar. Se fôssemos colocar essas relações numa equação com variáveis, como se faz na matemática, teríamos algo assim:

X AMA Y, onde X = sujeito e Y = objeto direto.

Voltando ao título da reportagem, percebemos que essa fórmula vai sendo modificada para construir determinados efeitos de sentido no leitor. Para descobrir esses efeitos, acompanhe a análise seguinte.

Nas três frases, é usado o mesmo verbo – AMAR – para se fazerem três questionamentos diferentes. Normalmente, os contextos de uso desse verbo põem em relação dois **sujeitos**: alguém que ama e alguém que é o objeto desse amor. Traduzindo-se isso para a linguagem da gramática, tem-se que AMAR é um **verbo transitivo direto**, isto é, precisa de um **complemento verbal** para a completude do seu sentido. Como esse conhecimento sobre **regência verbal** é útil na leitura das frases acima?

+ SAIBA MAIS

Você já reparou como novas palavras vão sendo criadas à medida que surgem novas situações que exigem seu uso? Um exemplo disso é o que ocorreu, a partir da década de oitenta, com certos movimentos sociais que usavam como meio de manifestação instrumentos ligados à categoria que reivindicava. A instrumentos como panela, apito, sineta foi incorporado o sufixo ação e foram formadas palavras como panelação, apitação e sinetação. No RS, por exemplo, os professores protestavam contra a política de educação do estado com ruidosos movimentos pelas ruas de Porto Alegre usando a sineta, o que ficou conhecido como sinetação.

+ SAIBA MAIS

Sujeitos como subjetividades, e não como conceito gramatical.

Vejamos: na primeira frase, *Adolph Hitler amava Eva Braun?*, quer-se saber se Hitler, personalidade pública bastante conhecida, amava uma determinada pessoa, Eva Braun, a mulher que, nas obras sobre o líder nazista, aparece como sua companheira.

Na segunda frase, *Adolph amava Eva?*, a dimensão pública, marcada pelo sobrenome e por tudo que a figura de Hitler evoca, desaparece e ficam os nomes de um homem e uma mulher, simplesmente. Um homem, como outro qualquer, sobre quem se questiona se ama uma mulher identificada pelo primeiro nome. Aqui, a discussão se centra no amor de um homem por uma mulher, como milhares de histórias que conhecemos. Hitler, o homem público, cede lugar a Adolph, sobre quem se questiona o amor por determinada mulher, Eva. O efeito de sentido é o de associar a Hitler a capacidade (humana) de amar outro ser humano.

Na terceira frase, *Adolph amava?*, Eva, a quem se dirigia o amor de Adolph, desaparece. Nesse contexto, o verbo muda de regência: passa a ser **intransitivo**. O que muda no sentido com isso? O foco agora não está em QUEM HITLER AMAVA, isto é, no objeto do amor, e sim SE ELE AMAVA realmente, ou seja, passa-se a questionar a própria capacidade de amar de Hitler.

Se você quiser exercitar sua leitura, à semelhança do que acabamos de fazer, aplique seus conhecimentos sobre regência ao poema Neologismo, de **Manuel Bandeira**. Nesse texto, há um jogo com palavras explorando a noção de **transitividade** e **intransitividade verbal**. Preste atenção no verbo adorar e no nome próprio Teodora.

+ SAIBA MAIS

Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teodoro, Teodora.

Caro aluno, você notou que as práticas de leitura exemplificadas anteriormente fizeram referência a palavras como morfologia, sintaxe, substantivo, verbo, objeto direto, entre outros, para tratar de questões relativas à língua portuguesa. Pois bem, todas essas denominações servem para uniformizar os termos usados por gramáticos e estudiosos da língua. Existe um documento chamado Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) que, em 1959, padronizou o nome dos processos, relações e elementos lingüísticos descritos nas gramáticas. Você deve conhecer essa nomenclatura, por isso sugerimos a leitura da NGB para que você observe como se estrutura uma gramática, de quantas partes é constituída, como são chamadas as orações no período composto, quais são as classes de palavras previstas, e assim por diante.

Atenção! No anexo TEXTO 1, no moodle, você encontra a NGB transcrita na sua íntegra.

1. Concepções e conceitos básicos

Ao trabalharmos com o ensino de língua(s), é necessário termos claros os conceitos de **linguagem**, **língua** e **gramática** que defendemos. Essas concepções, na realidade, orientam esse trabalho e justificam nossa escolha da metodologia e das práticas com a linguagem desenvolvidas em sala de aula.

1.1. Linguagem

Ao discutirem a linguagem, os autores geralmente destacam três concepções. Essas concepções aparecem, por exemplo, em Possenti (1986), Travaglia (1997) e Koch (2001):

- a.** A linguagem é vista como **expressão do pensamento** / essa concepção destaca a capacidade de o homem organizar de maneira lógica o seu pensamento. Para externar seu pensamento de modo lógico e claro, o homem deverá seguir normas de “bem falar e escrever”;
- b.** A linguagem é tratada como **instrumento de comunicação** / essa posição enfatiza que o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para que esse objetivo se efetive, ele recorre à língua como um código, ou seja, um conjunto de signos combinados segundo regras e capaz de transmitir mensagens;
- c.** A linguagem é pensada como **forma ou processo de interação** / essa concepção mostra que os usuários de uma língua a utilizam para realizar ações, agir, reagir, atuar uns sobre os outros, o que evidencia que a linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre os interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

1. 2. Língua

O entendimento de língua é diretamente dependente das concepções tratadas anteriormente. Assim, a primeira concepção de linguagem evidencia a **língua como norma gramatical, regras** que são prescritas para que o homem possa exteriorizar seu pensamento. A segunda concepção trata a **língua como um conjunto de signos** organizados para veicular mensagens, destacando-se o funcionamento interno da língua. A terceira concepção destaca o **uso da língua** pelos falantes/interlocutores como **forma de manterem-se interações verbais**. Travaglia (1997, p.28) destaca a língua nessa perspectiva como

um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação de interação comunicativa em que o usuário da língua está engajado (...)

1. 3. Gramática

Para discutirmos os conceitos de gramática, também estabelecemos uma relação com os conceitos de linguagem e língua já tratados. Desse modo, pode-se conceber a gramática

- a. Como um **manual de regras** que orienta o **bom uso da língua**, apresentando normas que deverão ser conhecidas e dominadas para bem escrever, falar e ler. Essas regras são estabelecidas a partir de uma única modalidade da língua, a norma padrão ou culta do texto escrito. Essa é a chamada **gramática normativa** e dessa concepção se origina a visão de muitos professores de que o brasileiro não sabe falar nem escrever bem. Isto é, o que esses “educadores” querem dizer é que os brasileiros, na sua grande maioria, não dominam uma modalidade da língua portuguesa, a do padrão culto da escrita, socialmente prestigiada;
- b. Como uma **descrição da estrutura e funcionamento da língua**, de sua forma e função, podendo-se estabelecer o que é gramatical e agramatical, isto é, quais são as sentenças bem ou malformadas em determinada variedade da língua, e como os usuários usam o sistema lingüístico em situações reais de comunicação. Essa abordagem configura a **gramática descritiva**, cujos estudos inicialmente desenvolvidos são de base estruturalista, passando-se pelos gerativo-transformacionais, que tratam a língua como um sistema abstrato e formal, composto por enunciados ideais, produzidos por um falante/ouvinte ideal. Mais tarde também foi influenciada pelos estudos como os realizados pela Lingüística Textual, a Semântica Argumentativa e a Análise do Discurso, entre outras áreas, que tratam

a língua no seu contexto de uso, o funcionamento das estruturas lingüísticas em situações de comunicação (quem fala, para quem, onde, como, por quê, para quê);

- c. Como o **conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e que usa na atividade lingüística de interação**, o que destaca a **gramática internalizada** que cada falante desenvolve, isto é, “o próprio mecanismo, o conjunto de regras que é dominado pelos falantes e que lhe permite o uso normal da língua” (TRAVAGLIA, 1997, p.32). A gramática internalizada é a que fundamenta a competência comunicativa (gramatical, textual, discursiva), ou seja, a capacidade de o usuário empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação, podendo ser aproximada de uma gramática de uso. Nessa concepção, não se tratam os problemas lingüísticos como “erros”, mas como inadequação da variedade lingüística empregada em uma determinada situação de interação comunicativa.

1.4. Adequação da linguagem

Atualmente, com os estudos que destacam a língua e a gramática em contextos de uso, substituiu-se a noção de que existe apenas uma variedade lingüística “correta”, isto é, aquela que deve ser o paradigma de manifestação da língua, o padrão.

Esses estudos demonstram que, primeiro, não existe uma única variedade lingüística, e sim que há uma diversidade, uma variação lingüística: modalidades ajustadas a contextos históricos, políticos, geográficos, étnicos e, segundo, não existe o correto/incorreto na língua, mas o adequado/inadequado, isto é, as manifestações lingüísticas se ajustam ou não a uma determinada situação de uso. Para essa discussão, podemos trazer o exemplo apresentado em Travaglia (1997, p.29).

- a. Meus sentimentos porque sua mãe bateu as botas.
- b. Então a velha bateu as botas?
- c. Meus sentimentos pela perda de sua mãe.

Se quiséssemos demonstrar respeito e nos solidarizarmos com a família que perdeu um ente querido, certamente a ocorrência C seria a mais *adequada* à situação comunicativa envolvida e aos nossos objetivos comunicacionais. As outras ocorrências não estão “erradas”, estão *inadequadas*; em outros contextos de uso, poderão ser empregadas.

Vejam os três situações de uso da linguagem em que os usuários da língua selecionam a variedade adequada à situação de interação em que estão envolvidos.

1. Os redatores das notícias publicadas nos jornais precisam se ater ao **padrão culto**, pois a observância à norma culta da língua é um elemento constitutivo do domínio jornalístico, que está voltado a um público leitor escolarizado. Esse é um cuidado que está evidente na orientação prescrita nos manuais de redação dos grandes jornais.
2. Em um encontro de pesquisadores, também se espera que um conferencista, por exemplo, produza seu texto dentro dos padrões da **norma padrão** ao expor a seus colegas os resultados de sua pesquisa.
3. Em uma conversa com os amigos num bar, porém, a expectativa é outra: um **padrão** mais **coloquial**, espontâneo, deve orientar as interações verbais.

Vejam duas manifestações lingüísticas com conteúdo semântico muito semelhante, mas produzidas com distintos registros de linguagem:

- a. Um homem que o carro dele está perto de um incêndio só pensa em tirar ele dali.
- b. Um homem cujo carro está perto de um incêndio só pensa em tirá-lo de lá.

Entre essas duas manifestações, a diferença está em que cada uma é produzida em um **contexto de uso adequado**: em (a), para a modalidade oral e coloquial da língua; em (b), para a modalidade escrita e padrão da língua. Desse modo, não há uma manifestação melhor que outra, uma mais “correta” que outra, o juízo deve ser o da adequação: estão ou não adequadas às situações de comunicação/interação em que estão inseridas. Por essa razão, é descabido pensar que (a) deve ser “corrigido”, assumindo uma forma semelhante à de (b).

Ao tratar desses diferentes contextos de uso da linguagem, Geraldí (1996, p.46), com base numa concepção sociointeracionista da linguagem, desenvolve as noções de uso da linguagem em instâncias públicas e em instâncias privadas, entendendo instâncias como “diferentes espaços sociais dentro dos quais se dá o trabalho lingüístico”. Em outras palavras, as instâncias destacam a existência de diferentes contextos sociais de interações verbais, nos quais o trabalho lingüístico que neles ocorre caracteriza-se diferencialmente.

Historicamente, há uma variante de uso da linguagem na instância pública considerada como de maior prestígio social: a norma padrão (culto) para o texto escrito. Segundo Geraldí, porém, a aprendizagem mais importante é “a compreensão destas diferentes instâncias e junto a elas a compreensão da produção histórica de diferentes sistemas de referência” (p.46).

Diante dessa discussão, fica-nos também a certeza de que cabe à escola a responsabilidade de instrumentalizar o aluno para o domínio do padrão prestigiado socialmente, visto que o acesso à maioria dos bens culturais, por exemplo, só é possível mediante esse domínio.

Do exposto, fica claro que ao professor de língua compete:

- ter respeito pela variação lingüística, não querendo, por exemplo, "corrigir" seu aluno que "fala errado";
- fazer a distinção entre correto e adequado;
- oportunizar a seus alunos práticas com a língua(gem) em variadas situações de uso para a compreensão do funcionamento da língua em diferentes instâncias;
- orientar atividades que permitam o acesso e o domínio da variedade de prestígio, tornando seu aluno competente no uso da língua em instâncias públicas do uso da linguagem.

Como sugestão de leitura complementar, vá até o site www.discutindolinguaportuguesa.com.br e selecione edições anteriores. Escolha a revista número 2. Nessa edição, procure o artigo *Ninguém segura a língua*, de Carlos Alberto Faraco, que trata da dinamicidade das línguas e de quais aspectos devem ser levados em conta para seu estudo. Acesse também www.revistalinguaportuguesa.com.br e www.portaldasletras.com.br, em que você vai encontrar interessantes discussões sobre questões envolvendo a língua portuguesa.

PARA REFLETIR: Agora que já conhecemos importantes conceitos envolvendo a linguagem e a língua, acompanhe algumas observações feitas a partir da leitura de alguns aspectos da construção dos textos destacados a seguir.



Figura A.6 - Dialeto gaúcho 1 (Diário de Santa Maria, 20/07/05).



Figura A.7 - Dialeto gaúcho 2 (Diário de Santa Maria, 15/03/05).

- Observe que, na tirinha de Louzada e na charge de Elias, na caracterização dos personagens como gaúchos da zona rural, é importante tanto o traço/desenho quanto a fala presente na manifestação de Tapejara ou no diálogo entre pai e filho.
- A fala que Louzada e Elias põem na boca de seus personagens está adequada ao registro oral e regional típico do RS. Isso confere ao texto uma coerência com o conhecimento prévio do leitor que mora em nosso estado e conhece o “gauchês” e a nossa cultura.

Æ GLOSSÁRIO

Acolherar é uma expressão do dialeto gaúcho que significa unir dois animais por meio de uma pequena guasca amarrada ao pescoço. Também pode significar unir, juntar, com relação a pessoas. (<http://www.portaldogauchocom.br/>)

⦿ ATIVIDADE

Atividade Final da Unidade - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

UNIDADE B

Organização frasal e pontuação

Objetivos

- identificar os cinco padrões básicos de configuração da frase verbal, distinguindo os diferentes tipos de predicados;
- refletir sobre a contribuição dos termos (essenciais, integrantes e acessórios) na organização do período simples;
- distinguir os processos de coordenação e subordinação, categorizando as orações no período composto;
- justificar o emprego dos sinais de pontuação;
- explicar o funcionamento e a contribuição das estruturas lingüísticas na organização de manchetes jornalísticas.

Introdução

Nesta unidade, trataremos inicialmente dos padrões verbais da frase em língua portuguesa e, associadas a eles, algumas normas de pontuação. Na seqüência, trataremos da junção de padrões frasais, das modificações nos padrões básicos até chegarmos aos padrões relacionados ao período composto. Então, estudaremos a organização do período composto e as suas respectivas normas de pontuação.

1. Padrões frasais básicos na organização do período simples

1.1. Frase nominal e frase verbal

Vamos ler atentamente as manchetes de jornais destacadas a seguir, as quais são construídas com algumas das estruturas frasais mais típicas do padrão culto da língua escrita usado hoje, no Brasil.

Você já observou como as manchetes são elaboradas lingüisticamente?

No grupo de manchetes destacadas a seguir, identifique inicialmente as frases que apresentam verbo e aquelas que são construídas sem o auxílio de verbos.

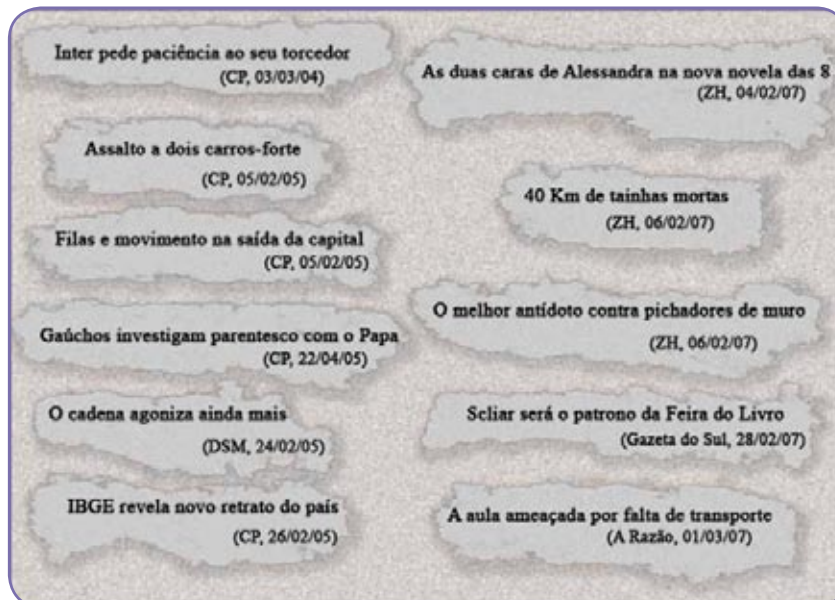


Figura B.1 - Manchetes de Jornais.

Quando as frases **não** se organizam em torno de um verbo, são chamadas de frases nominais. Temos como exemplos as manchetes apresentadas em 2, 3, 7, 8, 9 e 11 e frases como *Silêncio! Chuva finalmente! Que frio! Cada macaco no seu galho.*

Quando as frases apresentam verbo, são denominadas frases verbais. São exemplos dessas construções as manchetes lidas em 1, 4, 5, 6 e 10.

Note que, nos jornais, é comum os temas das notícias aparecerem como frases nominais e os títulos como frases verbais. Nos dois exemplos a seguir, isso pode ser observado.

Assim, o sistema lingüístico prevê a ocorrência de **frases nominais e de frases verbais**, sendo que estas últimas são encontradas em maior número. Em consequência disso, podemos dizer que nossas frases seguem um modelo verbocêntrico, isto é, o verbo é o centro da frase. Quando a frase apresenta verbo, falamos de **oração**. Quando a frase apresenta uma única oração, falamos de **período simples**.

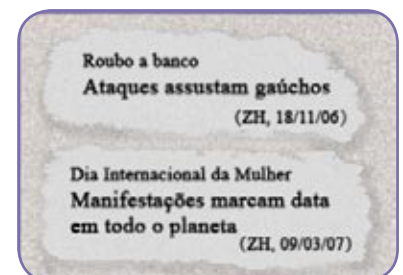


Figura B.2 - Manchetes de Jornais.

+ SAIBA MAIS

Se você deseja aprofundar a discussão sobre frase, Azeredo, na obra *Fundamentos da Gramática do Português* (2004), apresenta uma interessante discussão sobre o tema a partir de outras abordagens, que não apenas a sintática. Na obra indicada, que consta na bibliografia da disciplina, procure os parágrafos 294-300.

A seguir, você vai ler um texto no qual se expressam as informações noticiadas explorando-se as estruturas tanto de frases nominais quanto de frases verbais.

Vamos identificar algumas dessas estruturas?

Após localizar os elementos textuais destacados, complete as linhas pontilhadas com frase nominal (FN) ou frase verbal (FV).

→ Arte nas paredes

→ Painéis enfeitam entrada de uma lotérica e de um estacionamento na Rua Dr. Bozano

Odono de uma lotérica e de um estacionamento na segunda quadra da Dr. Bozano encontrou uma forma criativa de preencher os espaços vazios do local. As paredes dos estabelecimentos ganharam um novo visual com a pintura de painéis que retratam, na maioria das vezes, paisagens.

- Essa foi uma forma diferente que encontramos para esses espaços e que, ao mesmo tempo, embelezam o lugar - diz Gilberto Brenner, dono do local.

A escolha do tema é feita pelo artista Marco de Oliveira, que pinta as imagens de acordo com cada ambiente.

- Eu acho que a pintura deixa o lugar mais bonito, dando mais vida. Também chama a atenção das pessoas que passam por aqui - opina o pintor.

Artista segue sugestão de amigos e do pessoal que passa pelo local

Muitas vezes, Oliveira pinta a partir de sugestões de amigos ou até segue palpites de pessoas que circulam pela Bozano.

- As vezes, acontece uma guerra de opiniões - destaca o pintor, acrescentando que o último painel pintado na entrada do estacionamento não agradou a duas mulheres que pediram para trocar a paisagem. O painel retrata um casal passeando em uma motocicleta.

Oliveira pretende atender ao pedido e já está pensando na nova pintura que será feita no local. De acordo com ele, o acesso ao estacionamento é o lugar onde os painéis são trocados a cada três semanas. Já os que ficam no estacionamento, levam mais tempo para ganhar uma nova paisagem. Um deles será trocado em maio, e o terceiro permanecerá o mesmo até o final do ano.

- Quando não recebo sugestões, eu fico sentado observando cada local até bolar alguma coisa diferente - diz Oliveira, explicando de onde vem a imaginação para criar os painéis.



Na entrada dos estabelecimentos, mural muda a cada três semanas. Acima, casal numa moto



Uma estrada florida é tema de uma das pinturas (à esq.). À direita, uma cena campeira

Figura B. 3 - Frases verbais e nominais (Diário de Santa Maria, 15/03/2005).

- a. O título é construído através de uma
- b. Se a frase que segue o título é uma oração, essa estrutura obrigatoriamente é uma
- c. As duas frases que acompanham a foto maior são e, respectivamente.
- d. O tema do segundo painel (foto à esquerda) é esclarecido através de uma
- e. A frase destacada em negrito no meio do texto configura uma

Para nosso estudo, é importante lembrarmos que os verbos apresentam uma variedade de grupos nos quais podem ser classificados. Há **verbos nocionais e verbos de ligação**; há, entre os verbos nocionais, **verbos transitivos e intransitivos**; dentre os **transitivos**, há os **diretos**, os **indiretos** e os **transitivos diretos e indiretos**.

Para lembrar essa terminologia, vamos exercitar nossos conhecimentos sobre verbos. Leia as frases abaixo para sistematizarmos algumas reflexões.

- O tutor **TRABALHA** toda a semana.
- O tutor **CONFERIU** o nome dos alunos.
- O tutor **RESPONDEU** à pergunta por e-mail.
- O tutor **AVISOU** as datas das provas aos alunos na quinta-feira.
- O tutor **ANDA** preocupado com o atraso no envio dos trabalhos.

O que esse grupo nos mostra?

Primeiro: o termo à esquerda – o sujeito – permaneceu o mesmo.

Segundo: o que se declara sobre esse termo – o predicado – variou.

Terceiro: No predicado, os verbos apresentam diferentes comportamentos sintáticos: na primeira frase, o verbo não necessita de complemento, está acompanhado apenas por uma circunstância de tempo.

Nas três frases seguintes, os verbos são acompanhados de um ou dois complementos verbais e, na última frase, o verbo é apenas um elo sintático entre tutor e um estado (de preocupação) atribuído a esse ser.

Quarto: Em relação à oposição verbo nocional / verbo de ligação, é de destacarmos que “nocional” quer dizer que o verbo expressa um conteúdo semântico. Vejamos, por exemplo, o verbo *comprar*: na sua acepção mais freqüente, significa que alguém adquire algo mediante uma transação financeira. Desse modo, comprar é um verbo que, por si só, carrega essa significação, portanto é um verbo nocional. Verbo de ligação, em contraste, não veicula um sentido, é meramente um elemento de “ligação” entre o sujeito e o predicativo.

Conclusão: Se o sujeito permanece o mesmo, o que varia é a configuração do predicado. Assim, para descrevermos um padrão frasal verbal, o elemento principal é o **VERBO**.

Nas próximas aulas, identificaremos os cinco padrões básicos da língua portuguesa e os tipos de predicados que constituem.

ATIVIDADE

Atividade B1 - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

1.2. Os cinco padrões frasais básicos

Das relações sintáticas estabelecidas entre o verbo e os outros elementos da oração, derivam cinco padrões responsáveis pela formação da **frase verbal** em língua portuguesa. São os padrões mínimos, de estrutura simples, a partir dos quais são geradas todas as frases verbais com as quais construímos nossas interações.

Inicialmente, estudaremos a constituição do período simples, destacando a organização do predicado verbal (padrões 1 a 4) e a do predicado nominal (padrão 5).

1.2.1. O predicado verbal

No Caderno de Economia de ZH, edição de 26/02/07, encontra-se a seguinte manchete:

(1) Fertilizante **vende** mais com a safra recorde.

S VI AA AA

Essa manchete foi construída com o **primeiro padrão (P1)**, que se organiza em torno de **verbos intransitivos**. Nesse exemplo, vender não necessita de um complemento, ele tem sentido completo: afirma-se a venda, sem necessidade de se agregar ao verbo um complemento (o que é vendido). O redator da manchete, no entanto, acrescenta duas circunstâncias ao fato noticiado: uma de intensidade da ação verbal e outra de causa da venda. Assim, o verbo vender está acompanhado de um sujeito (*Fertilizante*) e de um adjunto adverbial de intensidade (*mais*) e outro de causa (*com a safra recorde*).

SAIBA MAIS

Em geral, **para testarmos a intransitividade do verbo**, dizemos: quem vende vende; o que cai cai; quem goleia goleia, quem cresce cresce; quem estréia, estréia e quem reage, reage. Nas manchetes, esses verbos estão acompanhados de determinadas circunstâncias (adjuntos adverbiais), e não precisam de complementos verbais: não há função preenchida por um termo que esclarece qual time o Grêmio goleou ou a quê ou a quem a Bovespa reage, por exemplo.

OBSERVAÇÃO: Com a manchete anterior, verificamos que nem sempre há uma coincidência entre relação sintática e informação semântica: embora o leitor, pelo seu conhecimento de mundo, saiba que fertilizante é o que se vende, portanto, é uma empresa de agrotóxicos que vende o produto fertilizante, o **sujeito**, nessa frase ou em qualquer outra, define-se em função das **relações sintáticas** que esse termo estabelece com os outros termos da oração que integra. Uma dessas relações é a da **concordância**: fertilizante é o sujeito porque é com esse termo que o verbo concorda.

Essa manchete, se descrita em sua constituição sintática, é um exemplo do padrão 1, que assim se apresenta:

Primeiro padrão (P1)

Sujeito + verbo intransitivo (adjunto adverbial)

Destacamos que o fato de o **adjunto adverbial** estar entre parênteses significa que, para a constituição sintática do padrão 1, ele não é termo essencial, isto é, ele é um termo que pode ou não aparecer. Embora o adjunto adverbial seja muito usado, pois expressa inúmeras circunstâncias, para a constituição de um padrão mínimo da frase verbal, ele é facultativo, ou seja, existem inúmeras frases verbais sem esse termo. *Essa observação é também pertinente aos outros padrões.*

Agora, leia outras manchetes com esse mesmo padrão.

(2) *Taxa de juro cai pela 12ª vez consecutiva* (ZH, 30/11/06)

S VI AA

(3) *Grêmio goleia em sua quarta vitória seguida* (ZH, 01/02/07)

S VI AA

(4) *Criminalidade cresce para o Interior* (ZH, 28/02/07)

S VI AA

(5) *Pato estréia no Beira-Rio* (CP, 28/02/07)

S VI AA

(6) *Bovespa reage com alta de 1,73%* (ZH, 01/03/07)

S VI AA

Agora trataremos do padrão mais freqüente na língua portuguesa: as frases verbais organizadas em torno de verbos transitivos diretos, verbos que necessitam de um complemento verbal – o objeto direto – para ter a predicação verbal completa.

ALERTA

Os quatro padrões iniciais, com verbos intransitivos e transitivos, constituem o predicado verbal, e o quinto, com verbos de ligação, o predicado nominal.

A perspectiva de recuperação do setor agrícola tem gerado algumas manchetes otimistas, como a publicada na edição de Zero Hora de 23/02/07:

(7) Safra recorde **estimula** economia gaúcha no campo e nas cidades
S VTD OD AA

Nessa construção, existe um sujeito – *Safra recorde* – sobre o qual se declara algo – *estimula economia gaúcha no campo e nas cidades* – que é o predicado.

Como está estruturado esse predicado?

Existe um verbo diferente do analisado no padrão 1: *estimular* não tem sentido completo, exige um complemento verbal que responderá à seguinte pergunta: a *safra* (sujeito) estimula o quê? A resposta é *economia gaúcha*, que, nesse caso, é o objeto direto. A manchete também apresenta outro termo, o adjunto adverbial *no campo e nas cidades*, que acrescenta uma circunstância ao verbo, esclarecendo o lugar onde ocorre a ação verbal.

Em consequência de o verbo apresentar comportamento sintático diferente do padrão anterior, estamos diante de um novo padrão, o **Padrão 2**, que destaca a presença do **verbo transitivo direto** e de seu complemento verbal, **o objeto direto**. A relação sintática entre verbo e complemento não é intermediada por uma preposição, o que caracteriza o verbo como transitivo direto e o complemento como objeto direto.

A descrição a seguir esclarece os termos envolvidos na organização de frases com essa formação:

Segundo Padrão (P2)

Sujeito + verbo trans. direto + objeto direto (adjunto adverbial)

Analise outras manchetes em que essa mesma descrição se manifesta:

(8) *Temores ambientais* **influenciam** estilistas (ZH, 04/02/07)
S VTD OD

(9) *Produção de filme* **seleciona** figurantes (DSM, 24 e 25/02/07)
S VTD OD

(10) *China* **derruba** bolsas *em todo o mundo* (CP, 28/02/07)
S VTD OD AA

(11) *Bolsas* **mostram** discreta recuperação (CP, 01/03/07)
S VTD OD

(12) *Rede estadual de ensino* **começa** as aulas (CP, 01/03/07)
S VTD OD

Recentemente, uma importante autoridade americana foi vítima da ação de terroristas. Verifique como dois jornais organizaram suas manchetes para destacar esse fato em torno de um verbo cujo comportamento sintático difere do P1 e do P2.

(13) *Cheney* **escapa** *de ataque do Talibã* (CP, 28/02/07)

S VTI OI

(14) *Vice de Bush* **escapa** *de atentado* (ZH, 28/02/07)

S VTI OI

As duas manchetes apresentam a autoridade americana como sujeito (*Cheney/ Vice de Bush*), o verbo (*escapa*) e os complementos verbais (*de ataque do Talibã / de atentado*) que se ligam ao verbo através da preposição *de*.

É justamente a presença dessa preposição que caracteriza o terceiro padrão. Diz-se que a relação entre o verbo e seu complemento é indireta porque, entre o verbo e seu objeto, aparece uma preposição. No **Padrão 3**, temos os **verbos transitivos indiretos**. A estrutura a seguir descreve a configuração sintática das frases construídas com esse padrão.

Terceiro Padrão (P3)

Sujeito + verbo trans. indireto + objeto indireto (adjunto adverbial)

Nas manchetes destacadas a seguir, observe a estrutura apresentada acima.

(15) *Ministros* **resistem** *à pressão de governadores* (ZH, 26/02/07)

S VTI OI

(16) *MEC* **investe** *mais no Ensino Básico* (CP, 28/02/07)

S VTI AA OI

(17) *Secretária* **participa** *de videoconferência* (CP, 28/02/07)

S VTI OI

(18) *Honda Accord* **agrada** *a um público maduro* (CP, 01/03/07)

S VTI OI

(19) *Orizicultor* **aposta** *em novo anúncio* (CP, 02/03/07)

S VTI OI

Note que todos os complementos dos verbos do P3, os **objetos indiretos**, estão sendo introduzidos por **preposição**: quem resiste resiste A alguma coisa ou A alguém; quem investe investe EM alguma coisa ou Em alguém; quem participa participa DE alguma coisa; quem agrada agrada A alguém; quem aposta aposta EM algo ou Em alguém.

DICA!! Para o reconhecimento desse padrão, há necessidade de, frequentemente, lembrar que muitos verbos mantêm a mesma grafia, porém mudam a regência e o sentido, dependendo do contexto. Isso ocorre com a manchete (18), pois agradecer, no sentido de acarinhar, é um verbo transitivo direto (P2) e, no sentido de ser agradável, despertar o interesse, é transitivo indireto (P3).

O **quarto padrão (P4)** destaca verbos que são transitivos e pedem dois tipos diferentes de complementos verbais: um, o objeto direto, e outro, o objeto indireto. Alguns gramáticos chamam esses **verbos de bitransitivos**; outros, de **transitivos diretos e indiretos**. Vamos acompanhar a discussão apresentada a seguir para verificarmos como essa estrutura lingüística pode aparecer na nossa leitura diária de jornais.

Tratando do Carnaval do Rio de Janeiro, o redator da manchete destacada abaixo apresenta ao leitor informações sobre a campeã das escolas de samba do grupo especial através de uma frase com um verbo transitivo em torno do qual se articulam um sujeito, um objeto direto e um objeto indireto.

(20) *Tema africano dá título à Beija-Flor* (CP, 22/02/07)
S VTDI OD OI

Desse modo, temos um sujeito (*Tema africano*) e um predicado, em que estão o verbo dar e seus **dois complementos**: dar o que (*título*) a quem (*à Beija-Flor*). Os termos *título* e *à Beija-Flor* ocupam as funções sintáticas de **objeto direto** e **objeto indireto**, respectivamente.

A manchete analisada acima e as cinco destacadas a seguir seguem a configuração descrita no quadro do Padrão 4.

Quarto Padrão (P4)

Sujeito + v. trans. direto e indireto + obj. direto + obj. indireto (adj. adv.)

(21) *Piratini envia hoje projeto de gestão à Assembléia* (ZH, 23/01/07)
S VTDI AA OD OI

(22) *Justiça nega habeas à viúva de milionário* (ZH, 25/02/07)
S VTDI OD OI

(23) *Estado cobra R\$ 5,3 bi da União* (CP, 02/03/07)
S VTDI OD OI

(24) *Rotary faz doação para o Instituto da Mama* (CP, 10/03/07)
S VTDI OD OI

(25) *Projeto garante água a produtores* (CP, 10/03/07)
S VTDI OD OI

1.2.2 O predicado nominal

Em muitos municípios do RS, um sério problema comprometeu o início do ano letivo de 2007. Os jornais deram destaque à questão, noticiando o fato com manchetes como a do Diário de Santa Maria, edição de 28 de fevereiro:

(26) **4,5 alunos sem transporte escolar**

Agora, vamos analisar, do ponto de vista gramatical, como está estruturada a manchete acima, que esclarece qual o problema e sua extensão em números. *Alunos* é central na organização dessa frase nominal. Sobre eles se fornecem duas informações: a quantidade de estudantes atingida (4,5) e uma caracterização (*sem transporte escolar*), na qual fica evidenciado o problema.

Se a manchete acima aparecesse numa estrutura de frase com verbo, sem nenhum acréscimo de informação semântica, teria sido escolhido o **padrão 5**, isto é, haveria a inserção de um **verbo de ligação**, cuja função, na oração, é articular sujeito e predicativo. Desse modo, a manchete acima teria a seguinte expressão:

4,5 alunos **estão sem transporte escolar**

S VL *Predicativo*

Observe como, nas manchetes destacadas a seguir, o verbo *virar* tem a função de ser um elo de ligação entre o sujeito e o predicativo. Nessas orações, temos duas estruturas: o sujeito e o **predicado nominal**, que está composto por um verbo de ligação e um predicativo. Assim como nos quatros padrões anteriores, nesse padrão, pode ou não aparecer adjunto adverbial.

(27) *Ruptura na Fepam* **vira caso de investigação** (ZH, 17/01/07)

S VL Pred^{vo}

(28) *Missa para João Hélio* **vira protesto** *na Candelária* (Folha Online, 14/02/07)

S VL Pred^{vo} AA

(29) *Porto Alegre* **vira a capital da Libertadores** (ZH, 26/02/07)

S VL Pred^{vo}

(30) *Encalhe* **vira atração** *no litoral* (ZH, 03/03/07)

S VL Pred^{vo} AA

Se essas manchetes são descritas em termos de padrão frasal, elas se enquadram na seguinte estrutura:

Quinto Padrão (P5)

Sujeito + verbo de ligação + predicativo (adjunto adverbial)

Faça uma leitura dos exemplos a seguir para reconhecer essa mesma estrutura.

(31) *Serra gaúcha é o cenário da novela das seis* (ZH, 13/08/06)

S VL Pred^{vo}

(32) *Nélson Proença será secretário do desenvolvimento* (ZH, 30/11/06)

S VL Pred^{vo}

(33) *Clássico gaúcho é atração na rodada* (CP, 04/02/07)

S VL Pred^{vo} AA

(34) *Bush está otimista com o acordo de biocombustível* (CP, 28/02/07)

S VL Pred^{vo}

(35) *País ficará 4 graus mais quente* (CP, 28/02/07)

S VL Pred^{vo}

ATIVIDADE

Atividade B2 - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

1.3. A junção dos padrões básicos

Nessa altura do curso, os cinco padrões já são velhos conhecidos seus? Pois agora vamos estudar uma interessante possibilidade: a de os padrões se juntarem em novas estruturas.

1.3.1. O predicado verbo-nominal

Os padrões apresentados a seguir são constituídos através da junção de um dos quatro padrões iniciais (com verbos intransitivos ou transitivos) + o padrão com verbo de ligação, cujo núcleo é o predicativo. Dito de outro modo: junta-se um predicado verbal com o núcleo do predicado nominal, o que resulta no **predicado verbo-nominal**. Vamos ver isso na prática?

No dia 27/02/07, o jornal Folha de S.Paulo destacou a seguinte manchete:

(36) **Vice dos EUA, Dick Cheney, escapa ileso** de ação suicida no Afeganistão
S A VTI Pred^{vo} OI AA

Sintaticamente, a frase acima é uma estrutura complexa: ela resulta da junção de dois padrões – o **Padrão 3** + o **Padrão 5**. O que isso significa?

Na manchete, precisamos resgatar esses dois padrões, percebendo que há duas orações envolvidas que veiculam duas informações:

P3: *Vice dos EUA, Dick Cheney, escapa de ação suicida no Afeganistão*

+

P5: *Vice dos EUA, Dick Cheney, permanece ileso.*

A primeira oração, construída em torno de um verbo transitivo indireto, anuncia o atentado sofrido, esclarecendo quem sofreu a ação verbal (sujeito), qual é essa ação (escapar de alguma coisa), de que se escapou (objeto indireto) e onde ocorreu o fato (adjunto adverbial de lugar). Essa descrição é coerente com a configuração do terceiro padrão. Mas há uma outra informação: o estado em que se encontra o vice-presidente americano.

Essa segunda informação, que mostra o estado atual de Cheney após sofrer o atentado, sintaticamente se traduz numa relação entre o sujeito e um estado dele. Em consequência, constrói-se uma oração em torno de um sujeito, um verbo de ligação e um predicativo, o que evidencia o P5.

Como o sujeito é o mesmo, este não precisa ser repetido; o verbo de ligação, não tendo conteúdo semântico, pode ser apagado, portanto o termo que permanece na manchete é o predicativo, que veicula uma informação relevante.

Assim, chamamos essa nova estrutura de **predicado verbo-nominal** justamente porque preservamos tanto o **núcleo do predicado verbal** (o verbo transitivo indireto *escapa*) quanto o **núcleo do predicado nominal** (o predicativo *ileso*). Nesse caso e nos apresentados a seguir, lidamos com o **predicativo do sujeito**.

Acompanhe outros exemplos.

(37) *Brasil joga desesperado e desfalcado* (CP, 23/01/07)

S VI Pred^{vo} do sujeito

P1: *Brasil joga*

+

P5: *Brasil está desesperado e desfalcado*

Note que aqui o predicativo – *desesperado e desfalcado* – apresenta dois núcleos.

(38) *Brasil segue vivo no Sul-americano* (CP, 24/01/07)

S VI Pred^{vo} AA
do sujeito

P1: *Brasil segue*

+

P5: *Brasil está vivo*

Obs.: O adjunto adverbial *no Sul-americano*, na construção acima, não se refere ao verbo, isto é, não está integrando nenhum dos dois predicados; refere-se a toda a oração: chama-se adjunto adverbial de frase.

Vou lhe fazer uma pergunta: Com essa decomposição em padrões, isto é, separando o que foi juntado, ficou mais fácil ou não identificar predicativo e predicado verbo-nominal? Enquanto você pensa, que tal analisar a manchete a seguir?

(39) *Christian sai frustrado com seu desempenho* (CP, 08/03/07)

S VI Pred^{vo} do sujeito

Agora que você já é um craque em predicativo do sujeito, vamos reconhecer outro tipo de predicativo. Vamos continuar?

Para podermos analisar corretamente a organização sintática de muitas frases, precisamos de um novo conhecimento: informações sobre **o predicativo do objeto**. Vamos encontrá-lo na manchete transcrita a seguir?

(40) *Derrota em casa põe Inter em alerta* (ZH, 08/03/07)

Já sabemos que uma frase pode ser resultado da junção de dois padrões: será que isso ocorreu no período acima? Vamos ao teste!

P2: *Derrota em casa põe Inter*

+

P5: *Inter fica em alerta*

Outra forma de representar essa junção seria:

Derrota em casa põe Inter (e Inter fica) em alerta

A diferença entre esse novo padrão e o tratado no item anterior é que o predicativo não se liga ao sujeito (*Derrota em casa*), e sim ao objeto direto (*Inter*), razão pela qual tratamos **em alerta** como **predicativo do objeto direto**. A configuração sintática da manchete (40) é a seguinte:

Derrota em casa põe Inter em alerta
S VTD OD Pred^{vo} do OD

1.4. Padrões frasais com verbos auxiliares

Reconhecidos os cinco padrões básicos e a possibilidade de juntá-los, a partir de agora vamos estudar algumas novas feições e expansões que eles podem apresentar. Iniciaremos com a inserção de verbos auxiliares nos padrões, isto é, ao invés de um único verbo, teremos dois ou mais verbos formando um todo semântico. A essa estrutura chamamos **locução verbal**.

Em muitas situações de nossa vida, usamos os padrões frasais dentro de uma estrutura chamada locução verbal, isto é, usamos, junto com o **verbo principal**, que define o padrão, um ou mais **verbos auxiliares**. Assim, ao invés de afirmar *Comprarei as obras indicadas pelo professor*, declaro, mantendo o mesmo padrão verbal, *Preciso comprar / Devo comprar / Terei de comprar / Quero comprar / Começarei a comprar / Continuarei a comprar / Estarei comprando*, entre outras possibilidades.

Essas escolhas são feitas de acordo com a atitude ou intenção com que falo: declarar com certeza, indicar necessidade ou possibilidade de a ação verbal ocorrer. A locução verbal permite ainda expressar diferentes aspectos da ação indicada pelo verbo, isto é, se ela inicia, continua ou termina, por exemplo.

Vejamos duas manchetes com locução verbal:

(42) *Título segue **rendendo** homenagem* (ZH, 04/02/07)
S Vaux. VTD OD

(43) *Polícia começa a **desvendar** rede que pode ter traficado 30 adolescentes gaúchas* (ZH, 12/03/07)
S Vaux. VTD OD V.aux. V.aux. VTD OD

Na primeira manchete, a locução verbal **segue rendendo** é formada por um verbo auxiliar, que indica que a ação indicada pelo verbo principal já se iniciou no passado e se estende até o presente, e pelo verbo principal no gerúndio. Na segunda manchete, existem duas locuções e nelas estão exemplificados dois empregos da locução verbal. Vamos ver quais?

A locução **começa a desvendar** se estrutura com verbo auxiliar (começa) + preposição (a) + verbo principal (desvendar). Essa estrutura nos informa um aspecto do processo verbal: a ação de desvendar o crime do tráfico humano apenas se inicia, não está concluída ainda. A segunda locução é formada por dois v.aux. (pode + ter) + v.princ. no particípio (traficado). O primeiro auxiliar se relaciona à atitude de quem escreve. No contexto em análise, o redator não imprime caráter de certeza ao que declara, pois o número de vítimas ainda não está precisado, é uma probabilidade, uma possibilidade, sentido que o auxiliar *pode* deixa claro.

Vamos ler duas tirinhas para entender bem o que estamos discutindo?



Figura B.4 - Locução verbal 1 (Quino. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1991).



Figura B.5 - Locução verbal 2 (Davis, Jim. Garfield: Garfield está de dieta. Porto Alegre: LPM, 2006).

Agora vamos relacionar as tirinhas com o que estamos estudando. Você encontrou locuções verbais? Certamente que sim! E aqui elas vão nos ajudar a entender um dos usos dessa estrutura lingüística: elas, juntamente com o tempo verbal (passado, presente, futuro), marcam aspectos da ação verbal (anterioridade, posterioridade, continuidade, repetição, progressão, início, conclusão, etc.). O que isso quer dizer?

EXPLICANDO MELHOR: Na tirinha de Quino, podemos observar esse uso da locução verbal: o verbo auxiliar é empregado para sinalizar determinada fase do processo verbal, isto é, a indicação de que ação expressada pelo verbo principal (*doer*) está ocorrendo no momento da fala. Assim, nas expressões *estão doendo* e *está doendo*, a união dos dois verbos forma uma locução verbal, na qual o verbo auxiliar (*estar*) indica aspecto do verbo, o da realização da ação verbal no momento da fala. Note que na tirinha é simulada uma fala dos personagens, por isso o verbo *estar* sofre uma redução para a forma *tão* e *tá*. Na tirinha do Garfield, como a locução verbal contribui para a compreensão do último quadrinho?

ATIVIDADE

Atividade B3. Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

Bom, depois de tantos exercícios, certamente os padrões com verbos auxiliares já são nossos velhos conhecidos, por isso vamos seguir adiante!

1.5. Padrões frasais com termos expandidos

Dois novos termos – o aposto e o adjunto adnominal – integram as orações para explicar melhor, especificar, delimitar, precisar o sentido de um substantivo, pronome ou advérbio por eles modificados num processo que chamamos de expansão.

1.5.1. O aposto

Nos títulos destacados a seguir, vamos prestar atenção a um termo que aparece depois da vírgula. Você lembra que termo é esse?

(58) *Estréia de Babel*, **um dos favoritos para levar o Oscar** (ZH, 19/01/07)

(59) *Radamés Gnatalli*, **gênio humilde e solitário** (ZH, 21/01/06)

(60) *Violência*, **questão de saúde pública** (CP, 28/02/07)

Sobre o filme *Babel*, o maestro Radamés e o problema da violência são inseridas novas informações e pontos de vista que explicam melhor esses três referentes: essa é uma das funções do **aposto**. Nos padrões frasais, o aposto pode se agregar a qualquer termo da oração, isto é, o núcleo de um sujeito ou de um objeto direto, por exemplo, pode ser melhor esclarecido através do aposto. Com isso, o aposto passa a integrar a estrutura desses termos.

Vamos ver como a expansão ocorre? Para isso, considere as três frases seguintes.

Ronaldinho Gaúcho dedicou o gol às crianças de rua.

Permaneceremos em Perequê.

Entregarei o trabalho na segunda-feira.

Vamos agora expandir alguns termos dessas construções, que já têm seus padrões definidos, inserindo um aposto.

Ronaldinho Gaúcho, **ídolo do Barcelona**, dedicou o gol às crianças de rua.

Permaneceremos em Perequê, **um paraíso nesta época do ano**.

Entregarei o trabalho, **um artigo sobre a gíria**, na segunda-feira, **dia 31**.

Você reparou que, na primeira frase, organizada em torno do P4, o aposto faz parte do sujeito? Assim, temos que o sujeito da frase é *Ronaldinho Gaúcho*, **ídolo do Barcelona**, no qual *Ronaldinho Gaúcho* é o núcleo do sujeito e **ídolo do Barcelona** é o aposto desse núcleo.

! ALERTA

O **aposto** é um termo que esclarece, explica, desenvolve ou resume outro termo da oração e, em consequência, passa a fazer parte do termo a que se refere.

Ronaldinho Gaúcho, **ídolo do Barcelona**, **dedicou o gol** às crianças de rua.
S Ap VTDI OD OI

E a segunda frase, como se organiza?

Permaneceremos, na segunda frase, é um verbo intransitivo, portanto, estamos tratando do P1. O sujeito está marcado pela desinência do verbo (nós). Identificados esses dois elementos, vamos observar o restante: *em Perequê, um paraíso nesta época do ano*.

Na frase analisada, o termo adjunto adverbial se constitui de uma preposição + um substantivo (*em Perequê*) + um aposto (**um paraíso nesta época do ano**). A descrição sintática é:

(Nós) **Permaneceremos** em Perequê, **um paraíso nesta época do ano**.
S VI AA Ap

Na frase seguinte, observe que há dois apostos. O primeiro integra o complemento verbal, e o segundo participa da constituição do adjunto adverbial:

Entregarei o trabalho, um artigo sobre a gíria, na segunda-feira, **dia 31**.
VTD OD Ap AA Ap

Lemos essa representação identificando o verbo como um verbo transitivo direto, o que caracteriza a frase como P2. Se o verbo é transitivo, exige um complemento verbal, no caso, um objeto direto. Assim, trabalho é o núcleo do OD que foi expandido com o acréscimo do aposto. O OD fica então *o trabalho, um artigo sobre a gíria*. Dentro do objeto direto, há num aposto: **um artigo sobre a gíria**. E o restante da frase?

O adjunto adverbial *na segunda-feira, dia 31* acrescenta à ação verbal de entregar o trabalho uma circunstância de tempo, esclarecendo quando a entrega será feita. Há um núcleo – *segunda-feira* – que foi explicado através de um aposto – **dia 31**, ficando o AA completo como *segunda-feira, dia 31*.

Você reparou que, nas frases anteriores, o aposto é separado do termo a que se refere por meio da vírgula? Pois é, quase todo aposto é separado por sinal de pontuação, e não só por vírgula! Veja os exemplos a seguir:

João – **como líder da turma** – **enviou o abaixo-assinado**.
S Ap VTD OD

A padaria **tinha duas especialidades: as rosquinhas de polvilho e as broinhas de milho**.
S VTD OD Ap

No entanto, existe um tipo de aposto que não é virgulado e aparece com muita freqüência nos jornais. Esse é o caso de, por exemplo, *a cidade de Rio Pardo, o ex-ministro Pelé, o poeta Mário Quintana, o filme Cidade de Deus*, em que o termo destacado é o aposto. Esse é o aposto de especificação, que individualiza ou especifica um termo genérico como cidade, ex-ministro, poeta ou filme.

Para aprofundar o estudo do aposto, consulte sua gramática. Ela traz informações sobre os vários tipos de apostos: definitório, atributivo, explicativo, resumitivo.

1.5.2. O adjunto adnominal

Leia atentamente a tirinha a seguir. Ela vai nos ajudar a entender a função de um novo termo – *o adjunto adnominal*.



Figura B.6 - Adjunto adnominal (Folha de S. Paulo, s/data).

No primeiro quadrinho, Hagar, tentando amedrontar seu adversário, apresenta-se como *O TERROR DO NORTE*. Sintaticamente falando, esse termo é um aposto, que na frase caracteriza Hagar, o núcleo do predicativo. A graça da tirinha está na resposta dada pelo interlocutor de Hagar: através de um extenso aposto, o oponente de Hagar se credencia ao embate, apresentando-se através de atributos que expandem a caracterização inicialmente dada pelo bárbaro: *O TERROR DE UMA ESQUINA DE UMA RUA DE UMA PEQUENA CIDADE RURAL DA COSTA DA FRANÇA*.

Essa expansão no sentido de um substantivo, tornando-o mais particularizado, é o espírito do adjunto adnominal: através dela se precisa o significado do nome, identificando-o, delimitando-o ou especificando-o. Assim, no aposto atribuído a Hagar, o substantivo *terror* é modificado por dois adjuntos adnominais: *o* e *do Norte*.

OBSERVAÇÃO: Nos estudos sintáticos, o adjunto adnominal geralmente é referido através da abreviatura **aa**.

Vamos encontrar os adjuntos adnominais presentes na caracterização de Pierre, **O TERROR DE UMA ESQUINA DE UMA RUA DE UMA PEQUENA CIDADE RURAL DA COSTA DA FRANÇA?**

aa de **terror**: o + de uma esquina de uma rua de uma pequena cidade rural da costa da França

aa de **esquina**: uma + de uma rua de uma pequena cidade rural da costa da França

aa de **rua**: uma + de uma pequena cidade rural da costa da França

aa de **cidade**: uma + pequena + rural + da costa da França

aa de **costa**: a + da França

aa de **França**: a

Desse modo, se eu tenho um substantivo, posso indefinidamente determiná-lo recorrendo a **artigos, pronomes, adjetivos, numerais, sintagmas preposicionais e orações adjetivas**.

Ex.: **meus** cadernos

meus dois cadernos

meus dois primeiros cadernos

meus dois primeiros cadernos **de Português**

meus dois primeiros cadernos **de Português que guardo há anos**

Na tirinha abaixo, vejamos como o emprego do adjunto adnominal auxilia Hagar e Helga a caracterizarem seus anos de casados.



Figura B.7 - Adjunto adnominal (Browne, Dik. O melhor de Hagar: o horrível. LPM, 2006).

Vamos ver como a expansão está presente nas interações do nosso dia-a-dia?

Numa campanha veiculada na televisão, aparece a seguinte chamada, que explora, do ponto de vista lingüístico, a expansão como recurso expressivo/argumentativo:

*“Você sabe o que é pior que uma criança com **problemas cardíacos**? Uma criança **POBRE com problemas cardíacos!**”*

ATIVIDADE

Atividades B4 e B5 - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

Iniciado o estudo do adjunto adnominal, vamos aproveitar a oportunidade para introduzir um novo termo que, na realidade, não é resultado da expansão, é um termo integrante da oração, segundo a NGB, mas freqüentemente é confundido com o adjunto adnominal. Vamos ver que termo é esse?

No início do Carnaval deste ano, a preocupação com as mortes no trânsito levou as autoridades a realizar diversas operações de conscientização e de punição aos motoristas infratores, o que rendeu manchetes como a transcrita abaixo.

S	VTD	OD	
(61) Polícia rodoviária fecha cerco aos <i>imprudentes</i> (ZH, 17/02/07)			
aa		CN	

Acompanhe a análise sintática dessa manchete.

Polícia rodoviária é o sujeito, cujo núcleo – *polícia* - vem modificado pelo adjetivo *rodoviária*, que especifica de qual polícia se está falando. Este adjetivo é, portanto, um adjunto adnominal. E o restante da frase?

O predicado se organiza em torno de um verbo transitivo direto – *fecha* – e de seu objeto direto – *cerco aos imprudentes*. Esse último termo é agora nosso objeto de estudo. Vejamos por quê.

O substantivo *cerco* tem ligado a ele um outro termo introduzido através de uma preposição, como ocorre com o objeto indireto. Esta, porém, não é a função do segmento *aos imprudentes*. Você arrisca um palpite?

Assim como alguns verbos são regidos por preposição, alguns nomes (substantivos abstratos, adjetivos e advérbios), por não encerrarem sentido completo, necessitam de complementação. A essa complementação dá-se o nome de **complemento nominal**. O seu palpite estava certo? Vamos aprofundar um pouco mais esse estudo.

Se uma manchete destacasse o seguinte fato: *Fábricas gaúchas investem na qualificação*, logo nos perguntaríamos: qualificação de quem? A resposta seria dada por um complemento nominal, e a manchete seria reescrita como

S	VTI	OI	
Fábricas gaúchas investem na qualificação <i>da mão-de-obra</i> .			
aa		CN	

Outros exemplos:

S	VL	Pred. ^{vo}	
O comércio de Santa Maria anda animado com o reinício das aulas.			
aa	aa	CN	

S	VL	Pred. ^{vo}	
Prefeito está insatisfeito com tratamento do partido.			
		CN	

Observe que o complemento nominal é sempre introduzido por preposição e se liga a um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio)!

Às vezes, surge uma dúvida entre **aa** e **CN**. Para esclarecer melhor essa distinção, acompanhe o seguinte raciocínio:

Note que a dificuldade ocorre somente quando há um termo ligado a um nome (substantivo, adjetivo ou pronome) e este termo vem antecedido de preposição. Assim, em *Fábricas gaúchas*, não há dificuldade em identificar **gaúchas** como **aa**; na seqüência, para o segmento *comércio de Santa Maria*, porém, essa identificação pode não ser tão evidente. Aqui, **de Santa Maria** se relaciona com *comércio* estabelecendo com esse substantivo uma relação de **aa**, pois especifica, e não completa, o substantivo, esclarecendo de qual comércio se está falando. Inclusive, pode-se permutar de *Santa Maria por santa-mariense*, um adjetivo, que, muito freqüentemente, é umas das classes de palavras que desempenha a função de **aa**.

DICA!! Outra observação bastante útil é a que se aplica a *animado* e *insatisfeito* nos exemplos acima : sempre que um **termo precedido por preposição** se ligar a um adjetivo **completando** o significado do **adjetivo**, é **complemento nominal**. Veja, no anexo, uma lista de adjetivos acompanhados de complementos, o que tradicionalmente se estuda na regência nominal, e leia a dica para distinguir **aa** de **CN**.

Nosso último elemento a destacar nesse momento do nosso curso não é termo da oração, porém aparece nela. Você sabe do que estamos falando?

1.6. O vocativo

Na NGB, o vocativo aparece listado fora dos termos da oração: ele não é termo essencial, como o sujeito e o predicado, nem termo integrante, como os complementos verbais e o complemento nominal, tampouco é termo acessório, como o adjunto adverbial e o aposto. O que é então o vocativo?

Para respondermos a essa questão, vamos analisar as seguintes manchetes:

(62) **Acabou** a trégua, **Dunga** (ZH, 11/06)
VI S Vc

(63) **FELIZ ANIVERSÁRIO, DITADOR** (ZH, 17/02/07)
Vc

S VT AA OD
Desfiles grandiosos **celebraram** ontem o aniversário de 65 anos do ditador Kim Jong-il, o *“Querido líder” da Coréia do Norte* (ZH, 17/02/07)
Ap

+ SAIBA MAIS

Para diferenciar adjunto adnominal de **complemento nominal**, às vezes, é possível recorrer à seguinte estratégia: verificar se há, entre os termos, uma relação subjetiva ou objetiva.

Ex. Pedido do funcionário: o funcionário pediu (relação subjetiva, de sujeito)

Pedido de funcionários: pediram funcionários (relação objetiva, de objeto)

Isso aplicado à análise da manchete *Cerco e prisão de assaltantes* (ZH, 12/03/07) resulta que de *assaltantes* é complemento nominal de *cerco e prisão* cercaram os assaltantes e prenderam assaltantes (rel.objetiva, de objeto direto)

ATENÇÃO!! Nas frases acima, os redatores das manchetes simulam uma interação com o interlocutor - *Dunga*, na primeira frase e *Ditador*, na segunda - como se estivessem se dirigindo diretamente à pessoa com quem se fala. Esse efeito de interpelação direta com o interlocutor é criado graças à inserção, na frase, do vocativo. Esse elemento é uma referência explícita à segunda pessoa do discurso, aquela a quem se dirige o falante.

Desse modo, o vocativo não é parte da frase, isto é, não estabelece relações sintáticas com os termos; é, simplesmente, uma referência ao interlocutor. Veja, na segunda manchete, a diferença entre o vocativo e o aposto: o termo o “*Querido líder*” da *Coréia do Norte* se relaciona, sintaticamente, com (d)o ditador *Kim Jong-il*, explicando esse termo, por isso é caracterizado como aposto: já *Ditador*, na frase nominal que constitui a manchete, não se vincula com nenhum elemento da frase, é uma referência a um suposto interlocutor, o que caracteriza o vocativo.

O fato de não constituir termo da oração explica a grande mobilidade do vocativo nas frases: ele pode ocupar qualquer posição, visto que não se relaciona com nenhum termo oracional. Assim, poderíamos ter a manchete *Dunga, a trégua acabou* ou *Acabou, Dunga, a trégua*.

Você deve ter se lembrado de encontrar o vocativo nas aulas de literatura. Em muitos poemas, a evocação de Deus, da amada ou da natureza é um recurso que confere afetividade ou dramaticidade ao texto. Lembre-se de Castro Alves, em *Navio Negreiro*: ***Deus! Ó Deus!*** *Onde estás que não respondes?/ Em que mundo, em qu'estrelas tu t'escondes*

PARA REFLEXÃO: Nosso estudo tem privilegiado frases verbais declarativas afirmativas. **Quais são os padrões das frases imperativas, declarativas negativas ou interrogativas?** A resposta a essa questão será discutida em um fórum, realizado ao término dessa unidade. Para você iniciar suas reflexões, aceite o desafio proposto a seguir.

ATIVIDADE

Desafio - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

1. 7. A pontuação do período simples

Ao estudarmos os padrões frasais de muitas das manchetes analisadas, você deve ter notado que, em algumas delas, apareceu **a vírgula**. Muitas manchetes têm seu sentido construído também com o auxílio dos **sinais de pontuação**.

Nos textos em geral, os sinais de pontuação nos auxiliam na leitura e, quando estamos no papel de produtores, são um excelente recurso para construirmos nossas interações de modo mais claro e expressivo.

Para reflexão!! Nesta disciplina, até agora, você estudou a constituição do período simples através dos padrões frasais. Além de permitirem uma visão mais integradora dos estudos da frase, **os padrões frasais**, a partir de agora, vão nos auxiliar a sistematizar alguns **usos da vírgula**. Esse será um conhecimento que você vai empregar ao longo de todo o curso e de sua vida também!

1.7.1. A pontuação de termos na ordem direta

Considere as regras apresentadas a seguir e os casos em que elas podem ser exemplificadas.

a. Usa-se a vírgula para separar termos de mesma função sintática.

(66) *São Gabriel estréia no domingo, em casa* (DSM, 3 e 4/03/07)

Na manchete acima, há dois adjuntos adverbiais, um de tempo e outro de lugar, o que favorece o emprego da vírgula.

A regra acima não é empregada somente com adjuntos adverbiais, quaisquer termos em seqüência podem ser separados por vírgula.

Exemplos:

Alunos, tutores, professores, todos estão empenhados no sucesso do curso.

Compramos material de consumo, livros, mobiliário e equipamentos novos.

Veja que os núcleos do sujeito e a seqüência de OD foram separados pela vírgula, à exceção do último OD, que se junta aos demais pelo **e**.

b. Emprega-se a vírgula para separar o aposto.

Estréia de Babel, um dos favoritos para levar o Oscar

Radamés Gnatalli, gênio humilde e solitário

Violência, questão de saúde pública

Vice dos EUA, Dick Cheney, escapa ileso de ação suicida no Afeganistão

Você se lembra da escola, onde o professor de português dizia: “O aposto é sempre virgulado.”? Pois ele tinha razão, à exceção do aposto de especificação.

c. Utiliza-se a vírgula para separar o vocativo.

FELIZ ANIVERSÁRIO, DITADOR

Podem arrumar as malas, **gurias!**

Para continuarmos o estudo dos padrões frasais e da pontuação, necessitamos dos conhecimentos discutidos na próxima subunidade.

2. Alterações nos padrões frasais

2.1. Inversão na ordem dos termos

Você saberia “ler” a seguinte configuração sintática?

Sujeito + verbo (+ complementos/predicativo) (+ adjunto adverbial)

De algum modo, essa descrição resume todos os padrões que estudamos. O que vamos destacar agora é a disposição dos termos na oração.

Quando prestamos atenção na ordem de colocação dos termos, percebemos duas possibilidades: ou eles seguem a ordem direta (evidenciada na configuração acima) ou a ordem indireta, isto é, com deslocamento de termos.

Vamos ver como frases com a ordem indireta estão presentes na redação das manchetes dos jornais?

(67) Cresce média de carteiras apreendidas (ZH, 12/03/07)

(68) Virou uma novela a localização do novo teatro da Ospa (ZH, 26/02/07)

(69) Brigada prendeu em blitz 8,3 mil pessoas desde o início do ano (ZH, 26/02/07)

(70) No aniversário do Rio, cariocas pedem segurança (O Globo Online, 01/03/07)

(71) Na Colômbia Bush reafirma guerra ao tráfico (Zero Hora, 12/03/07)

(72) Preocupado com desgaste, Muricy pode poupar atletas no Paulista (Folha Online, 01/03/07)

O que você observou nas manchetes acima? Elas apresentam padrões novos? A resposta é NÃO! O que mudou é a posição do sujeito, do predicativo ou do adjunto adverbial. Vamos confirmar isso?

Veja outras construções com deslocamento do adjunto adverbial:

Durante a madrugada de domingo, uma violenta explosão estremeceu os arredores de Bagdá.

Em Porto Alegre, apresentam-se, neste domingo, grandes artistas populares do país.

Muitos iraquianos, após a entrada dos americanos em Bagdá, saquearam inestimáveis tesouros culturais.

c. Predicativo do sujeito deslocado

A manchete (72) é uma frase exemplar para tratarmos do deslocamento do predicativo. O predicativo tanto do sujeito quanto do objeto é um termo que integra o predicado (nominal ou verbo-nominal), portanto ele está “dentro” dos limites do predicado. No entanto, nada impede que, no predicado verbo-nominal, opte-se por retirá-lo da sua posição direta e colocá-lo antes do predicado. Foi isso que o redator da Folha de S. Paulo fez ao redigir a manchete deslocando o predicativo para antes do sujeito:

Preocupado com desgaste, Muricy pode poupar atletas no Paulista

Outros exemplos:

Ofendidos, parlamentares explicam viagem de parentes e amigos.

Feliz e orgulhoso, o nadador brasileiro recebeu a medalha de bronze.

Preocupados com a decisão, os jogadores tentam superar o cansaço.

Indignado com a marcação do pênalti, o jogador tentou agredir o juiz.

2.1.1. A pontuação de termos deslocados

Neste momento, após o estudo da ordem indireta, podemos concluir nosso estudo do emprego da vírgula no período simples, destacando mais dois empregos da vírgula, que estão relacionados com a alteração da ordem direta.

Você observou que, no conjunto das manchetes selecionadas para exemplificar a ordem indireta/inversa dos termos, há casos em que se emprega a vírgula e outros em que não. Nos casos de não-emprego desse sinal de pontuação, é bom lembrarmos que **não se emprega a vírgula para separar relações essenciais**, isto é, não se separa o sujeito do predicado, o verbo de seus complementos, nem o sujeito do predicativo.

Mas e os casos pontuados? Para respondermos a essa pergunta, vamos apresentar os dois casos de deslocamento no período simples vistos acima que se relacionam diretamente com a pontuação. Continuaremos com a referência a letras empregada em 1.7.1 para identificar as regras.

d. Usa-se a vírgula para separar adjunto adverbial deslocado.

Essa é talvez a regra mais utilizada atualmente na pontuação dos textos em língua portuguesa. Usualmente encontramos o adjunto adverbial fora de sua posição final, que é a da ordem direta. Gostamos de destacar a informação de caráter adverbial (tempo, modo, condição, etc) colocando-a ou no início da oração ou intercalada entre os termos. Veja alguns exemplos já apresentados, que exploram o deslocamento:

No aniversário do Rio, cariocas pedem segurança (O Globo Online, 01/03/07)

No lugar das motos, agora ficam os táxis (DSM, 03 e 04/03/07)

Entre protestos e engarramentos, a águia pousou (ZH, 09/03/07)

DICA! Observe que os adjuntos adverbiais pontuados são de uma certa extensão. É facultativa a vírgula para separar os de pequena extensão. Numa frase como *Hoje encerraremos esta unidade*, hoje é um adjunto adverbial e está deslocado, porém, como é de pequena extensão, pode não estar pontuado. Também é necessário observar que a intercalação de adjuntos adverbiais é uma possibilidade bastante expressiva.

e. Emprega-se a vírgula para separar o predicativo deslocado para antes do verbo.

Quando comentamos a possibilidade de o predicativo sair de sua posição na ordem direta, automaticamente, apareceram exemplos com esse termo pontuado, conforme mostram os exemplos abaixo:

Preocupado com desgaste, Muricy pode poupar atletas no Paulista (Folha Online, 01/03/07)

Escondido, Bin Laden completa hoje 50 anos (ZH, 10/03/07)

ATIVIDADE

Atividade B6 - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

2.2. A construção passiva

Na edição do Correio do Povo de 11/04/03, em meio aos conflitos da guerra entre EUA e Iraque, destacou-se a seguinte notícia:

(81) Líder xiita é assassinado em mesquita

A morte emboscou ontem um importante clérigo xiita iraquiano no local mais venerado por sua facção: a mesquita erguida sobre o túmulo de Ali, primo e genro do profeta Maomé, em Najaf, região central do Iraque.

Vamos analisar alguns aspectos da construção do título e do primeiro parágrafo da notícia?

No título, resume-se o fato noticiado: o assassinato de um líder religioso no lugar sagrado para sua religião. Sintaticamente, há um sujeito, que refere quem foi assassinado, e um predicado, que refere a ação sofrida e o lugar onde ela ocorreu. Nessa construção, existe um aspecto novo: a voz em que o verbo se encontra – voz passiva. Semanticamente, o sujeito não é mais o agente da ação verbal, e sim o paciente, o líder xiita sofre a ação de ser assassinado.

Como o fato é recente, significa que os culpados não foram ainda responsabilizados, o que se sabe com certeza é o alvo da ação criminosa. Somado a isso, para a notícia, interessa destacar, no contexto da guerra, não os assassinos, e sim a autoridade assassinada e o local da morte – uma mesquita - que evidencia a que grau de beligerância se chegou no Iraque. Nem um líder espiritual nem um lugar sagrado são respeitados.

Você percebe como escolhemos as estruturas lingüísticas que mais se adequam às nossas necessidades? No caso em análise, as condições contextuais discutidas acima favorecem a que se opte pela voz passiva.

E o parágrafo que segue o título? Que escolhas foram feitas?

Nesse longo período, em que se detalha melhor o fato, o redator da notícia, mesmo não tendo condições de afirmar quem assassinou, usa um sujeito agente, isto é, que pratica a ação. Como ele faz isso? Ele usa a linguagem figurada “A morte emboscou” e o verbo na voz ativa. Acrescenta, através de adjuntos adverbiais e aposto, novas informações sobre o local do assassinato. Vamos voltar ao título para confrontar o mesmo fato em duas versões:

Assassinam líder xiita em mesquita

Líder xiita **é assassinado** em mesquita

O que você percebe nas duas construções em relação às escolhas lingüísticas?

Acertou se você pensou que, na primeira, emprega-se a voz ativa, isto é, há um sujeito agente, que existe gramaticalmente, mas, pelo contexto comentado acima, não está explicitado, visto que o assassinato é recente, e o jornalista não pode se comprometer atribuindo a

alguém ou a algum grupo a responsabilidade pelo assassinato. Acertou também se lembrou que, na segunda frase, aparece a voz passiva e, com isso, destaca-se quem sofreu a ação verbal.

E as diferenças em relação à voz verbal? Vejamos: Na voz ativa, há um sujeito + um verbo transitivo direto + OD + AA. Alguns desses elementos sofrem alterações ao passar para a voz passiva: O OD ocupa a posição de sujeito paciente, e o verbo transitivo passa a integrar uma locução verbal característica da passiva: **verbo SER (no mesmo tempo da voz ativa) + vtd no particípio**. Você lembra do **particípio**?

Para refletir: A voz passiva só ocorre com verbos dos padrões 2 e 4, isto é, com verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto. O sujeito sofre a ação verbal, por isso é dito sujeito paciente, surge um novo termo, **o agente da passiva**, que, na voz ativa, é o sujeito agente. A presença do adjunto adverbial é facultativa. Com verbos do P4, existe o objeto indireto, que não sofre alteração nenhuma ao passar da voz ativa para a voz passiva. Essa é a chamada **passiva analítica**.

Veja como essa estrutura de passiva aparece no dia-a-dia ao se ler jornais:

(82) *Dois quadros de Picasso são roubados em Paris* (O Globo On-line 01/03/07)

(83) *Namorada de Seco é seqüestrada pela 4ª. Vez* (ZH, 03/03/07)

(84) *Carros clonados são recuperados* (ZH, 05/03/07)

(85) *Menina é achada morta em pia batismal depois do culto* (ZH, 05/03/07)

(86) *Menina é atropelada por microônibus* (ZH, 10/03/07)

Temos também a possibilidade de formarmos as frases com voz passiva numa forma mais reduzida, bastante presente em nosso dia-a-dia. É comum você encontrá-la em anúncios como *Vendem-se apartamentos / Alugam-se casas de veraneio aqui / Digitam-se trabalhos / Consertam-se fogões, etc.* Olhe como, nas histórias em quadrinhos, também se encontra essa estrutura lingüística. Você lembra de um bordão humorístico que dizia “Não se faz mais aluno(/professor/pai) como antigamente”? Pois Eddie Sortudo, o companheiro de Hagar, encontrou um novo contexto para usá-lo. Confira!



Figura B.9 - Passiva sintética (Browne, Dik. O melhor de Hagar: o horrível. LPM, 2006).

Æ GLOSSÁRIO

Particípio é uma das formas nominais do verbo, junto com o gerúndio e o infinitivo. As palavras que estão no particípio frequentemente terminam em *ado* e *ido* (*comprado*, *dormido*, *amado*, *vendido*), mas também podem ter finalizações diferentes, como ocorre em *feito* e *posto*.

Os anúncios de que falamos acima e a construção empregada na tirinha são exemplos do que se chama **passiva sintética** e seguem a configuração apresentada a seguir. **Verbo transitivo direto + se + sujeito**

Leia outros exemplos:

Invadiram-se fazendas improdutivas
Ouviram-se muitos tiros durante a noite.
Instala-se no interior indústria do golpe.
Compram-se carros usados em bom estado.

ATIVIDADE

Atividade B7 - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

3. Junção dos padrões frasais no período composto

Até agora, estivemos estudando a formação de frases como as exemplificadas a seguir, em A, B e C. A respeito dessas frases verbais, já temos segurança de dizer que elas são unidades lingüísticas que se organizam em torno do P2 e constituem períodos simples, isto é, cada estrutura é uma única oração. Certo?

A - Temporais matam mais dois.
B - Temporais destroem estradas.
C - Temporais isolam municípios.

Mas o que ocorreria se reuníssemos as três orações em uma única estrutura? Essa foi a opção do redator da manchete da primeira página da edição de 03/03/07 de Zero Hora, a qual destacou os danos causados pelas fortes chuvas que caíram no RS:

(87) ***Temporais matam mais dois, destroem cidades e isolam municípios***

Quais as alterações e semelhanças entre o conjunto de frases A, B e C e a manchete?

Primeiro: o conjunto possui três orações, cada uma constituindo isoladamente um período simples; a manchete também é constituída por três orações, porém estas estão reunidas em um único período, chamado período composto.

Segundo: O ponto final é o limite entre as orações no conjunto de períodos simples; no período composto, as orações estão reunidas, sendo demarcadas por vírgula e pela conjunção e.

Terceiro: Em relação aos padrões frasais, não há mudança: tanto no período simples quanto no composto, as orações continuam sendo organizadas, no caso em análise, em torno do P2.

Desse modo, podemos verificar que, na redação da manchete, temos um processo de formação do período composto que mantém a integridade das **orações**, pois estas são, **sintaticamente, autônomas, independentes**, isto é, os termos envolvidos na formação da oração estão dentro do limite da oração. A esse processo chamamos de **coordenação**.

Na manchete em análise, temos um período composto por três orações coordenadas entre si, separadas por vírgula e conjunção.

Para guardar bem! Na formação das orações coordenadas, temos duas possibilidades: reunir as orações num conjunto através ou de uma simples justaposição ou da inserção de conjunções. Essa é a diferença entre **orações assindéticas e orações sindéticas**.

3.1. Orações coordenadas

3.1.1. Assindéticas

Sendo orações com padrões completos, a primeira opção é juntá-las num único período apenas com sinais de pontuação: sendo autônomas, as orações se justapõem através da vírgula, dois-pontos ou ponto-e-vírgula. Em muitas gramáticas, essas orações são referenciadas também como orações justapostas.

Exemplos de orações ASSINDÉTICAS (ou justapostas)

- Os eleitores abraçam o Presidente, cumprimentam-no, aplaudem-no.
- Não veio à aula: estava doente.
- Uns trabalham; outros folgam.

3.1.2. Sindéticas

A segunda opção de reunir orações coordenadas é através da inserção de conjunções (sínketos / conetivos). É justamente a presença desses sínketos que permite categorizar os cinco tipos de orações desse modo de organização do período. Conforme as relações estabelecidas entre as orações, empregam-se conjunções

- **Aditivas (E, NEM, NÃO SÓ... MAS (COMO) TAMBÉM,...)**
- **Alternativas (OU, ORA...ORA, SEJA...SEJA, QUER...QUER,...)**
- **Adversativas (MAS, PORÉM, NO ENTANTO, ENTRETANTO,...)**
- **Explicativas (PORQUE, POIS)**
- **Conclusivas (PORTANTO, LOGO, POR CONSEQUINTE, ...)**

Orações coordenadas sindéticas ADITIVAS

Com as orações aditivas, introduzem-se novas informações ou argumentos que se somam às orações anteriores; destaca-se, nas orações aditivas, a relação semântica de acréscimo, soma. Essa estrutura de coordenação favorece a enumeração de ações, qualidades e estados atribuídos a um ser (referente). Veja os exemplos.

- O Presidente é saudado pela população **e faz visitas a apoiadores**.
- Não trabalha **nem estuda**.
- **Não só comprou o livro como também resumiu todos os capítulos**.

ALERTA! Nos exemplos destacados a seguir, fica evidente que nem sempre a conjunção aditiva **E** encadeia uma relação de soma; muitas vezes essa conjunção "coringa" mascara a verdadeira relação semântica entre as orações. Leia-os atentamente.



Figura B.10 - Orações aditivas (ZH, 13/09/2000)

(90) Argentina corta exportação de trigo, **e pão pode aumentar** (e = por isso)
(ZH, 09/03/07)

Deus me pôs na rede, **e o Diabo me fez dormir**. (e = mas)

Perdi o ônibus, **e não fiz a prova**. (e = por isso)

ATENÇÃO! Veja como o leitor da tirinha e dos exemplos precisa recuperar as relações de oposição/contraste ou consequência, que estão implícitas.

Orações coordenadas sindéticas ALTERNATIVAS

Leia os quadrinhos de Garfield, onde o gato se envolve numa disputa com uma aranha, saindo perdedor:



Figura B.11 - Orações alternativas (Davis, Jim. Garfield: Garfield está de dieta. Porto Alegre: LPM, 2006).

Diante da fuga da aranha do “jornalaço”, Garfield questiona-se sobre a causa de sua falta de pontaria, expressando linguisticamente essa dúvida:

AS ARANHAS FICARAM MAIS RÁPIDAS OU EU ESTOU FICANDO MAIS VELHO?

A fala de Garfield expressou-se através de um período composto por coordenação no qual se explorou um novo tipo de oração: **a alternativa**, marcada pela conjunção **ou**. Veja mais exemplos de orações coordenadas alternativas:

- **Faze a prova ou serás reprovado.**
- **Dei-te um ultimato: trabalha ou estuda.**
- **Iremos viajar quer faça chuva quer faça sol.**
- **Seja trabalhando, seja estudando, sempre estou feliz.**
- **Joana ora estuda ora joga no computador.**

DICA!! As orações coordenadas alternativas sempre coordenam duas orações, por isso os pares correlatos normalmente são empregados na articulação dessas orações: **ou... ou; quer... quer; seja... seja; ora... ora**, entre outros.

Orações coordenadas sindéticas ADVERSATIVAS

(91) *Grêmio sofre, **mas** vence na estréia.* (Correio do Povo, 05/02/03)

(92) *Empresariado está otimista, **mas** pede reformas estruturais* (ZH, 03/03/07)

(93) *Acordo do etanol avança **mas** EUA mantêm tarifa sobre álcool do Brasil* (ZH, 10/03/07)

COMENTÁRIO IMPORTANTE: O grupo de frases acima evidencia que, entre as orações que compõem as manchetes, há uma **relação de oposição**: a primeira oração relata um fato que gera uma determinada expectativa, isto é, em (91) às dificuldades do Grêmio no jogo, segue-se uma derrota; em (92) ao otimismo do empresariado soma-se uma boa notícia; em (93) pelo bom andamento das negociações entre Brasil e EUA, espera-se uma contrapartida positiva dos americanos. Na seqüência do período, porém, essa expectativa é **contrariada** pela segunda oração. Esse contraste, essa oposição é o que caracteriza as orações coordenadas sindéticas **adversativas**, das quais o **MAS** é a conjunção modelo. Guarde outras conjunções adversativas, destacadas nos exemplos a seguir.

- *Li todo o texto, **entretanto** não encontrei a resposta.*
- *Não assistiu à aula de segunda, **todavia** fez uma boa prova.*
- *Economizou o ano todo, **porém** não pôde comprar o carro sonhado.*

PARA REFLEXÃO!! Na tirinha abaixo, veja como a conjunção **e** articula a relação de **oposição** entre a manutenção da dieta de Garfield e a sua expectativa (frustrada) de perder peso.



Figura B.12 - O **e** adversativo (Davis, Jim. Garfield: Garfield está de dieta. Porto Alegre: LPM, 2006).

Orações coordenadas sindéticas EXPLICATIVAS

O quarto tipo de orações coordenadas destaca que a oração coordenada se relaciona com a(s) anterior(es) introduzindo **uma explicação, uma justificativa**: nos exemplos a seguir, o calor e a previsão de frio justificam a solicitação da abertura da janela e o conselho de levar agasalhos, assim como a justificativa de se afirmar que choveu à noite é o fato de o chão estar molhado.

- *Levem agasalhos, **pois a previsão é de muito frio!***
- *Abra a janela, **pois está um calor danado aqui dentro!***
- *Deve ter chovido à noite, **porque o chão está molhado.***

É comum termos dificuldade de diferenciar as orações coordenadas explicativas de outro grupo bastante semelhante, as orações subordinadas causais. No site www.discutindolinguaportuguesa.com.br, na edição 5, você encontrará o artigo *Tudo tem um porquê*, que auxilia a esclarecer as diferenças entre esses dois grupos de orações.

Orações coordenadas sindéticas CONCLUSIVAS

Esse tipo de oração coordenada destaca uma **relação lógica** que se estabelece entre declarações: diante da apresentação de evidências ou juízos, a última oração é apresentada como uma **conclusão**, uma decorrência autorizada pelo apresentado anteriormente.

Vamos rir um pouco com a conclusão a que chegou o médico no encaminhamento da dieta de Hagar?



Figura B.13 - Orações conclusivas (Browne, Dik. O melhor de Hagar: o horrível. LPM, 2006).

Leia outros exemplos com orações conclusivas.

- Ela participou de todas as etapas do projeto, cumpriu os prazos e auxiliou na redação do relatório final, **portanto devemos contratá-la.**
- Existem muitos problemas no texto; **precisamos, pois, reescrevê-lo com urgência.**
- A água está poluída, o contingente policial é insuficiente e a rede hoteleira carece de melhor infra-estrutura, **portanto o veraneio nesta praia fica bastante comprometido.**

3.2. Orações subordinadas

Agora, vamos focalizar um segundo processo de junção dos padrões frasais no período composto no qual ocorre uma relação de **dependência sintática entre as orações**, o que caracteriza a **subordinação**.

Vejamos alguns exemplos:

A. Iniciamos o seminário *antes da chegada do professor*.

A1. Iniciamos o seminário *antes que o professor chegasse*.

B. O professor solicitou *a entrega do trabalho até sexta-feira*.

B1. O professor solicitou *que entregássemos o trabalho até sexta-feira*.

C. Os alunos *responsáveis* entregaram o relatório no prazo determinado.

C1. Os alunos *que são responsáveis* entregaram o relatório no prazo determinado.

ATENÇÃO!! Em relação ao sentido, podemos dizer que quase nada mudou, pois as frases de cada par são paráfrases uma da outra. Porém, sintaticamente, ocorreram alterações importantes.

Preste atenção nos períodos iniciais de cada conjunto. Neles se destacam três termos, já estudados nas aulas sobre período simples: **adjunto adverbial, objeto direto e adjunto adnominal**, respectivamente. Nos três períodos que seguem os períodos simples, esses **termos** foram **transformados nas orações correspondentes**, isto é, naquelas que mantêm a mesma relação sintática que os termos estabeleciam no período simples. Assim, temos uma oração desempenhando o papel de adjunto adverbial, outra de complemento verbal e a última de adjunto adnominal.

PARA GUARDAR BEM!! Essas transformações de termos para orações estabelecem, no novo período, relações sintáticas mais complexas do que as estabelecidas ao se reunirem orações num período por coordenação.

Note que, no período composto por subordinação, as orações não são autônomas sintaticamente: há uma relação de **hierarquia, de subordinação**. Essas orações aparecem no período em função de completar ou modificar um termo de uma estrutura já existente. Nesse processo, existe uma oração principal, à qual se agrega uma ou mais orações para,

em **A1**, acrescentar uma circunstância ao verbo, como faz o adjunto adverbial no período simples; por isso essa oração é chamada oração subordinada adverbial;

em **B1**, o verbo da oração principal, entregar, tem sua regência completada por uma oração subordinada objetiva direta, à semelhança da função do objeto direto no período simples;

em **C1**, uma oração subordinada adjetiva exerce a mesma função sintática que o adjetivo responsáveis no período simples: a de, como adjunto adnominal, modificar o núcleo do sujeito, acrescentando uma caracterização.

Leia atentamente outros exemplos, nos quais se processa a transformação de dois termos de um período simples (uma única oração) em suas orações correspondentes, o que torna o novo período composto por três orações.

Para o sucesso do curso, é necessário nosso empenho.

Para que o curso tenha sucesso, é necessário que nos empenhemos.

Após o término da entrevista, o ministro mandou um recado à sociedade: moderação no consumo.

Quando terminou a entrevista, o ministro mandou um recado à sociedade: que moderassem o consumo.

PARA REFLETIR: Nesses exemplos, você percebeu que, além do adjunto adverbial, o sujeito e até o aposto foram transformados em oração. O papel das orações subordinadas é justamente o de desempenhar, enquanto oração dentro do período composto, a função sintática de um dos termos estudados no período simples.

CURIOSIDADE: Consulte a NGB. Lá, na parte relativa à sintaxe, você encontra a categorização das orações no período composto: além das **orações coordenadas**, também há referência às **orações subordinadas**, que estão categorizadas em três grandes grupos: as **adverbiais**, **as substantivas e as adjetivas**. Esses três grupos, por sua vez, subdividem-se novamente, o que resulta 9 tipos de orações adverbiais, 6 de orações substantivas e 2 de orações adjetivas.

DICA!! A hierarquia entre orações subordinadas e a principal é o que caracteriza a subordinação. Vamos acompanhar como essas relações se dão nos três grupos de orações subordinadas?

3.2.1. Adverbiais

Esse é o grupo que abriga o maior número de orações. Essa riqueza de orações é explicada em função das muitas nuances adverbiais que existem: tempo, finalidade, causa, proporção, comparação, etc. Segundo a NGB, nove dessas nuances encontram expressão tanto como adjunto adverbial quanto como oração. Veja os exemplos a seguir, que apresentam as nove orações subordinadas adverbiais.

Orações subordinadas adverbiais TEMPORAIS

Cada vez que preencho um cargo, faço cem descontentes e um ingrato (Luiz XIV)

Ouve o jornal, enquanto faz a barba.

Começaremos a prova, assim que o monitor der o sinal.

Orações subordinadas adverbiais CAUSAIS

A prova foi transferida **porque** os computadores ainda estão em manutenção.

Como o semestre atrasou, o professor aumentou o prazo de entrega do relatório.

Os artigos devem ser xerocados, **uma vez que** a bibliografia da área é escassa.

Orações subordinadas adverbiais CONSECUTIVAS

Estudou tanto **que** gabaritou a prova.

Comecei a trabalhar durante o dia, **por isso** não poderei participar do grupo de estudos.

Seu esforço era tamanho, **que** o professor abriu uma exceção.

Orações subordinadas adverbiais FINAIS

Para que sejamos aprovados no curso, é necessário muito empenho.

Dedicou-se aos estudos durante as férias, **a fim de que** seu desempenho melhorasse.

Seguiu à risca as recomendações da nutricionista, **para que** o filho recuperasse a saúde.

Orações subordinadas adverbiais CONDICIONAIS

Acreditaria novamente no amigo, **se** ele cumprisse o prometido.

Caso a testemunha não o reconheça, o delegado encerrará o caso.

Estarei com vocês na segunda-feira, **a menos que** o vô seja cancelado.

Orações subordinadas adverbiais CONCESSIVAS

Estarei com vocês no sábado, **mesmo que** o vô seja cancelado.

Embora tenha feito todos os esforços, não pude estar com vocês no fim de semana.

Ele continuou magoado, **ainda que** tivesse reconhecido a inocência da namorada.

Orações subordinadas adverbiais PROPORCIONAIS

À medida que nos aproximávamos da sua casa, sentíamos a tensão aumentar.

O professor libera as avaliações à proporção que os trabalhos são entregues.

Os candidatos mudavam seus discursos, à medida que as eleições se aproximavam.

Orações subordinadas adverbiais CONFORMATIVAS

Como prevíamos, chegou atrasado.

Fez as correções **conforme** o orientador sugeriu.

Segundo nos informou, o pagamento sairá na quinta-feira.

Orações subordinadas adverbiais COMPARATIVAS

Nas aulas, Jocemar conversa **tanto quanto** estuda.

Ela é **mais** dedicada aos estudos **do que** seu irmão (é).

Aquele grupo desempenhou-se **melhor do que** os favoritos (se desempenharam).

DICA!! Nesse momento, é necessário termos em mente as CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS, por isso guarde bem o que está destacado no quadro a seguir.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

TEMPORAIS: quando, logo que, antes que, depois que, enquanto, assim que, sempre que, desde que, até que

FINAIS: a fim de que, para que

PROPORCIONAIS: à proporção que, à medida que

CAUSAIS: porque, pois, já que, visto que, como, uma vez que

CONDICIONAIS: se, a não ser que, caso, contanto que, a menos que

CONFORMATIVAS: conforme, segundo, como, consoante

COMPARATIVAS: mais/ menos/ maior/ menor que, tanto quanto, tão como, assim como, como, melhor do que, pior do que

CONCESSIVAS: embora, ainda que, apesar de que, mesmo que, se bem que, posto que

CONSECUTIVAS: que (antecedido de tão, tal, tamanho ou tanto), de sorte que, de modo que, de maneira/forma que

INTEGRANTES: que (para afirmação certa) e se (para afirmação incerta)

ATIVIDADE

Atividade B8 - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

3.2.2. Substantivas

Lendo a edição de 23/03/07 do Correio do Povo, encontra-se a notícia de uma polêmica envolvendo treinador e jogador, apresentada da seguinte maneira:

(94) **Alexandre Pato: “Sempre joguei assim”**

Jogador é criticado pelo treinador Abel por tentar marcar um gol de cobertura contra o Glória e responde que esse é o seu modo de atuar

O título da manchete destaca a declaração do jogador registrada como se fosse a fala literal dele, as aspas servem a esse propósito. No subtítulo, o que é dito pelo jogador foi apresentado pelo jornalista através da seguinte estrutura: (Pato) **responde que esse é o seu modo de atuar**.

PARA REFLETIR: Nos jornais, é freqüente o jornalista apresentar as falas e os depoimentos das pessoas envolvidas como forma de objetivar e tornar verossímil o seu texto. Atualmente, como o exemplo mostra, até os títulos apresentam esse recurso. Lingüisticamente, o jornalista valeu-se, no título, da justaposição e, no subtítulo, de uma oração subordinada substantiva.

Vamos conhecer melhor esse grupo de orações subordinadas?

Acompanhe, nos exemplos a seguir, como termos de um período simples são transformados em orações subordinadas.

É preciso o teu esforço.

*É preciso **que (tu) te esforces.***

*Ao final do semestre, meu desejo é **a aprovação de todos.***

*Ao final do semestre, meu desejo é **que todos sejam aprovados.***

*Não confirmou **sua ida à festa.***

*Não confirmou **se iria à festa.***

*Necessito **da tua ajuda.***

*Necessito **de que (tu) me ajudes.***

*Só te peço isto: **a tua discrição.***

*Só te peço isto: **que (tu) sejas discreto.***

*Estamos confiantes **na tua aprovação.***

*Estamos confiantes **em que sejas aprovado.***

Você percebeu, nos exemplos acima, que as funções sintáticas desempenhadas pelo substantivo, isto é, o sujeito, o predicativo, os complementos verbais (OD/OI), o aposto e o complemento nominal, podem também aparecer em forma de oração? Pois esse é o mecanismo implicitado pelas orações subordinadas substantivas!

Guarde bem o conteúdo do quadro a seguir, pois ele destaca a oração subordinada substantiva correspondente ao termo destacado.

SUJEITO: Orações subordinadas substantivas SUBJETIVAS
OBJETO DIRETO: Orações subordinadas substantivas OBJETIVAS DIRETAS
OBJETO INDIRETO: Orações subordinadas substantivas OBJETIVAS INDIRETAS
COMPLEMENTO NOMINAL: Orações subordinadas substantivas COMPLETIVAS NOMINAIS
PREDICATIVO: Orações subordinadas substantivas PREDICATIVAS
APOSTO: Orações subordinadas substantivas APOSITIVAS

Para encerrarmos o estudo desse tipo de orações subordinadas, é importante lembrar que as **conjunções integrantes que e se** são os conectivos que introduzem as orações **substantivas**. Eventualmente, palavras como **quanto, quando, como, onde** podem introduzir essas orações.

Exemplos:

Desconhecemos { **onde** ele mora.
quando ele se mudou.
quanto custa este equipamento.
como configurar a rede.

3.2.3. Adjetivas

Para estudarmos o terceiro grupo de orações subordinadas, leia atentamente o que está destacado no quadro e o seu comentário.

(95) *Brincadeiras que machucam a alma (Nova Escola, n.178, dez./2004)*
(96) *Dez minutos que esquentaram o Gauchão (ZH, 05/03/07)*

COMENTÁRIO: Construções como as frases acima têm sido usadas com frequência em jornais e revistas para titular reportagens e notícias. Lingüisticamente, as estruturas são frases, pois comunicam algo, têm sentido. Observe, porém, que não são períodos completos: temos apenas um substantivo que é modificado por uma oração. Justamente essa oração é o nosso foco: a **oração subordinada adjetiva**.

Agora, acompanhe como transformar um termo em oração adjetiva. Veja as duas construções destacadas a seguir: um período simples e outro composto.

Nas próximas férias, visitaremos nossa cidade **natal**.
Nas próximas férias, visitaremos a cidade **em que nascemos**.

As duas construções praticamente dizem a mesma coisa, isto é, expressam conteúdo semântico muito semelhante. **A diferença é sintática:** a segunda construção desenvolve o adjunto adnominal *natal* através de uma oração adjetiva: *em que nascemos*. Como se deu essa transformação?

RESPOSTA: Organiza-se a nova estrutura em torno de um **verbo** (no exemplo, *nasceu*), que se faz acompanhar pelos termos necessários para o seu padrão. Há duas novidades aqui: a oração adjetiva não se refere a toda a oração principal, mas a um termo apenas (e dele vem junto) e a **oração subordinada** é introduzida por um **pronome relativo**.

Veja exemplos nos quais se reúnem duas orações num novo período, agora composto, sendo a segunda oração uma ORAÇÃO ADJETIVA.

1. A casa é espaçosa. Eu comprei a casa.
A casa **que (a qual)** eu comprei é espaçosa
2. A casa foi demolida. Eu nasci na casa.
A casa **em que (na qual, onde)** nasci foi demolida.
3. O professor deu-me uma ótima notícia. Eu estava conversando com o professor.
O professor **com quem** eu estava conversando deu-me uma ótima notícia.
4. O livro é excelente. O professor de literatura se referiu ao livro.
O livro **a que/ ao qual** o professor de literatura se referiu é excelente.
5. Os funcionários iniciarão a greve segunda-feira. O salário dos funcionários não é reajustado há oito anos.
Os funcionários **cujo** salário não é reajustado há oito anos iniciarão a greve segunda-feira.

ATENÇÃO!! Você reparou nos elementos coloridos? Pois são eles que encadeiam a **oração subordinada adjetiva** no período composto. Morfologicamente falando, esses nexos se chamam **pronomes relativos e são eles:** que, o qual (os quais, a qual (is)), quem, onde e cujo (cujos/cuja(s)).

Alguns desses pronomes têm usos específicos:

QUEM: é empregado quando o referente retomado por ele indica pessoa. Ex.: Encontrei Paulo, **a quem** admiro muito.

ONDE: retoma lugar, espaço físico. Ex.: A casa **onde** estamos é alugada.

CUJO (e suas flexões): indica uma relação entre uma coisa possuída e seu possuidor. Ex.: As árvores **cujos** frutos amarelaram precocemente exigem cuidados especiais.

Diferença entre orações adjetivas RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS

Por último vamos lembrar que o grupo das orações adjetivas comporta duas subdivisões: há orações adjetivas explicativas e orações restritivas. Leia atentamente as duas construções abaixo e o seu comentário.

a) A cidade de Santa Maria, **cujas belezas naturais encantam**, deve priorizar o turismo, investindo na infra-estrutura.

b) A cidade **cujas belezas naturais encantam** deve priorizar o turismo, investindo na infra-estrutura.

COMENTÁRIO: Em a), a oração adjetiva não é essencial para precisar o referente *cidade*, pois o nome próprio Santa Maria tem essa função: inequivocamente sabe-se de qual cidade se está falando, por isso a oração **cujas belezas naturais encantam** é classificada como uma oração subordinada adjetiva **explicativa**. Em b), a oração adjetiva auxilia a precisar de qual cidade se está falando, pois somente *cidade* não é suficiente: aqui se declara que, de um grupo de cidades, está-se tratando de um subgrupo: aquelas **cujas belezas encantam**, excluindo-se as demais. Por isso a oração é chamada oração subordinada adjetiva **restritiva**.

3.3. Orações reduzidas

Para começarmos a discutir uma nova forma de apresentar as orações subordinadas, leia a manchete destacada no quadro abaixo.

(97) *Namorada é solta para levar recado a Seco* (ZH, 05/03/07)

Você identificou a oração subordinada final? Ótimo!

Você percebeu algo novo? Leia outra vez: a finalidade de os bandidos libertarem a namorada do conhecido assaltante é esclarecida pela oração *para levar recado a Seco*. O redator da manchete poderia ter escolhido, sem alterar o sentido e o processo de subordinação, uma forma que vimos há pouco tempo: *para que leve recado a Seco*. Qual a diferença então?

A única diferença é que o jornalista escolheu produzir a oração subordinada na sua forma reduzida, ao invés de na forma desenvolvida.

Forma desenvolvida é a forma com que temos apresentado as orações subordinadas: há um conetivo que introduz a oração (as conjunções subordinativas ou o pronome relativo) e o verbo está no modo indicativo ou subjuntivo. **Na forma reduzida**, retira-se esse conetivo e o verbo vai para o infinitivo, gerúndio ou particípio.

Acompanhe os exemplos:

Forma Desenvolvida:

Quando termina a assembléia, conversamos imediatamente com o presidente.

Forma Reduzida:

Terminando a assembléia, conversamos imediatamente com o presidente.

Ao terminar a assembléia, conversamos imediatamente com o presidente.

Terminada a assembléia, conversamos imediatamente com o presidente.

Forma Desenvolvida:

Deu-nos uma tarefa: **que corrigíssemos as provas**.

Forma Reduzida:

Deu-nos uma tarefa: **corrigirmos as provas**.

Forma Desenvolvida:

Observamos a folha **que girava no ar**.

Forma Reduzida:

Observamos a folha **girando no ar**.

TAREFA: A leitura da tirinha abaixo e seu comentário irá subsidiar nossas reflexões sobre a possibilidade de, nos períodos compostos, aparecer a coordenação e a subordinação, juntas.

A tirinha abaixo apresenta essa possibilidade. Leia-a atentamente.



Figura B.14 - Período composto (ZH, 23/11/2000)

COMENTÁRIO: Ao final da conversa, o médico diagnostica Hagar como hipocondríaco com base nos três sintomas apresentados pelo paciente para sua possível doença: a estranheza da perna esquerda, a coceira do nariz e um problema no dedo. Esses sintomas foram verbalizados através de orações que, nos quadrinhos, distribuíram-se nos balões com a fala de Hagar. Se, numa narrativa mais longa, elas fossem reunidas em um único período, teríamos o seguinte: *Minha perna esquerda está estranha, meu nariz está coçando e acho que há algo de errado com meu dedo.*

Vamos contar os verbos, pois é através deles que se encontra o número de padrões frasais ou, dito de outra forma, de orações.

Há três verbos e uma locução verbal, portanto o período está composto por quatro orações. Vejamos:

A primeira oração, *Minha perna esquerda está estranha*, é constituída por S + V.lig + Predvo.: **P5**.

A segunda oração, *meu nariz está coçando*, é formada por S + LV com o v. principal sendo um Vi: **P1**.

Cuide que aqui temos dois verbos formando uma locução verbal, o que, para a definição do padrão frasal, é como se fosse um único verbo, portanto uma única oração!

A terceira oração, e *acho*, é constituída pela conjunção que a liga à oração anterior, do sujeito (eu, 1ª.pessoa/singular), implícito na desinência do verbo, e do verbo transitivo direto achar, o qual, nos limites dessa oração, não tem complemento verbal: **P2**.

A última oração, *que há algo de errado com meu dedo*, desempenha o papel de OD da oração anterior, sua principal. Constitui-se por um elemento de ligação, a conjunção integrante que + V.td + OD: **P2**.

Lembre-se que o verbo haver, no sentido de existir, é impessoal, não tem sujeito, mas se completa com um OD.

Como foi possível reunir esses quatro padrões num único período?

O período exemplifica a possibilidade de termos, num **único período**, tanto a **coordenação** quanto a **subordinação**: quando as orações mantêm sua autonomia, com os padrões completos (como as duas primeiras orações), temos a coordenação; quando a oração desempenha uma função sintática dentro de outra (como a quarta oração em relação à terceira), temos a subordinação. Mas e a terceira oração?

Bem, o raciocínio tem que ser o seguinte: a terceira, que estabelece uma relação de subordinação com a última oração, sendo a oração principal desta, soma-se às duas primeiras orações através da coordenação, o que fica explicitado pela presença da conjunção e.

3.4. A pontuação do período composto

Para tratar da pontuação do período composto, vamos apresentar algumas regras que dão conta de um grande número de usos, inclusive dos exemplos apresentados neste curso. Iniciamos com as orientações de pontuação para as orações coordenadas e passamos a abordar as orações subordinadas. Como os exemplos são abundantes nas partes que precedem esse tópico, julgamos desnecessário apresentar novos casos. Deixamos a sugestão para que você, ao estudar com mais vagar, colete os exemplos e distribua-os nas regras correspondentes.

Regras

1. As orações justapostas são separadas por vírgula, ponto-e-vírgula ou dois-pontos.
2. A vírgula separa uma oração coordenada sindética aditiva cujo sujeito é diferente do da anterior.
3. À exceção das aditivas com o mesmo sujeito, todas as orações coordenadas podem ser separadas por vírgula. Seu uso depende da extensão do período e/ou da intenção de quem escreve.
4. O ponto-e-vírgula separa uma oração coordenada adversativa ou conclusiva cujo conetivo está deslocado. As vírgulas separam o conetivo deslocado.
5. A vírgula separa a oração subordinada adverbial da sua principal. Se a oração subordinada adverbial está deslocada, isto é, vem antes da principal ou se insere no meio desta, deverá ser virgulada, independente da sua extensão.
6. A vírgula ou os dois-pontos separam a oração subordinada substantiva apositiva.
7. A(s) vírgula(s) ou o(s) travessão(ões) separa(m) a oração subordinada adjetiva explicativa.

ATIVIDADE

Atividade Final da Unidade - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

UNIDADE C

Relações sintáticas

Objetivos

- reconhecer a regência, a concordância e a colocação como relações sintáticas;
- relacionar a transitividade verbal com os padrões frasais;
- aplicar a regra geral de concordância verbal, reconhecendo possibilidades alternativas a sua aplicação;
- estabelecer relações entre a posição dos termos e das orações, pontuação e concordância.

Introdução

Nesta unidade vamos sistematizar conhecimentos sobre regência verbal, concordância verbal e colocação dos termos. Nossa atenção recai agora sobre as relações sintáticas que os termos estabelecem uns com os outros no interior da oração. Vamos ver quais são essas relações?

Acompanhe o comentário da figura abaixo, que destaca uma preocupante manchete sobre o meio ambiente (Folha de S.Paulo On line, 27/03/07).

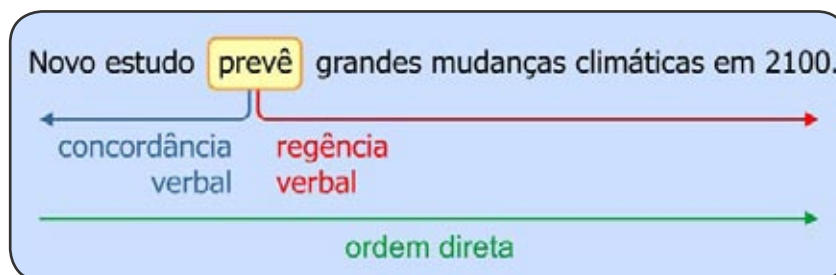


Figura C.1 - Concordância/regência.

A figura evidencia relações sintáticas analisadas a partir do verbo: se olharmos as relações do verbo com o que está à sua esquerda (o **sujeito**), estaremos tratando da concordância; se olharmos as relações do verbo com o que está à sua direita (o **OD**), estaremos tratando da regência. Se olharmos a disposição dos termos na oração, estaremos tratando da colocação, que, na manchete analisada, segue a ordem direta: sujeito + verbo + complemento verbal. Assim, à esquerda, verificamos a aplicação da regra geral que postula a adequação do verbo às marcas de número e pessoa do seu sujeito. À direita, a transitivi-

dade do verbo implica a existência de um termo para completar sua regência, que, no contexto da manchete, é a de ser um verbo transitivo direto.

TAREFA: Leia o artigo Nossa intuição sobre a linguagem, disponível em www.discutindolinguaportuguesa.com.br, edição n.1, p.18/19 para ter mais informações sobre alguns desses temas. É uma leitura bastante informativa!

A seguir, estudaremos, em separado, as relações de regência e concordância verbais.

1. Regência

1.1. A regência e os padrões frasais

Para estudar a regência verbal, levamos em conta os padrões frasais já estudados que se organizam em torno de verbos de conteúdo. Assim, agrupamos os verbos de acordo com sua transitividade (lembrando que um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes estruturas lingüísticas). Costumamos dizer que a regência do verbo é dada pelo contexto em que está sendo usado.

Inicialmente, em cada padrão, apresentamos a transitividade mais freqüente ou mais problemática de alguns verbos, que servem como exemplar de seu grupo. A seguir, quando for pertinente, comentamos comportamentos sintáticos particulares a certos verbos, como aqueles que “escolhem” o que pode ser OD ou OI ou ainda os que assumem determinada regência em função do sentido. Também existem verbos que são “implicantes” com as preposições, não aceitam qualquer companhia.

Ficou curioso? Pois, no que segue, você será apresentado a alguns desses verbos. Vamos conhecê-los melhor?

a. Verbos Intransitivos (P1)

Os verbos intransitivos, como vimos, não necessitam de complementos. Entretanto, é conveniente destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

Adjuntos adverbiais de lugar normalmente integram predicados com CHEGAR e IR, verbos com idéia de movimento, deslocamento. Esses verbos “exigem” a companhia de uma preposição, mas não de

! ALERTA

Essa unidade vai auxiliar você a reconhecer melhor um padrão frasal, visto que o verbo é central para o que estamos estudando nesta disciplina. Acompanhe como ela está organizada.

qualquer uma! Na língua culta, as preposições usadas para indicar movimento são **a** e **para**. A preposição **em**, que muitas vezes também introduz adjunto adverbial de lugar, deve ser usada com verbos que indicam estaticidade. Exemplos:

Chegamos **a** São Lourenço. / Fui **ao** cinema e retornei **ao** hotel, **às** 23h.
Aonde vais? / Os grevistas vão **para** Brasília na próxima semana.
Resido **em** Santa Maria. / O escritório situa-se **na** rua Floriano Peixoto.

b. Verbos Transitivos Diretos (P2)

Os verbos transitivos diretos exigem complemento sem preposição. Os pronomes pessoais do caso oblíquo que atuam como objetos diretos são **o, a, os, as**, que podem assumir as formas **lo, la, los, las** (após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z) ou **no, na, nos, nas** (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes *lhe, lhes*. Exemplos:

Encontrei um velho amigo. / Encontrei-**o**.
Devemos entregar o trabalho dia 15. / Devemos entregá-**lo** dia 15.
Encontramos a caneta de prata. / Encontramo-**la**.
Deixaram as compras aqui. / Deixaram-**nas** aqui.

Vamos tornar um pouco mais leve esse conteúdo rindo um pouco com Hagar e Garfield?

Acompanhe como Hagar define-se a si próprio, depois de referir-se a como os outros o chamam. Chamar é um verbo *sui generis*, mas depois eu conto... Leia as tirinhas!



Figura C.2 - Regência verbal I (Browne, Dik. O melhor de Hagar: o horrível. LPM, 2006).

Veja como Garfield transforma a crítica de John em uma situação vantajosa para ele! Você perceberá como o pronome de primeira pessoa do plural auxiliou o gato a expressar essa vantagem.



Figura C.3 - Regência verbal II (Davis, Jim. Garfield: Garfield está de dieta. Porto Alegre: LPM, 2006).

c. Verbos Transitivos Indiretos (P3)

Os complementos dos verbos desse grupo são introduzidos sempre por preposição, o que caracteriza a relação como indireta, isto é, intermediada por uma preposição, ao contrário do grupo anterior, em que não se verifica a presença da preposição, a não ser por questões estilísticas e de clareza, quando o OD está deslocado, por exemplo.

Precisamos sempre lembrar que verbos transitivos indiretos se relacionam com seu complemento verbal através de preposição. A preposição é a marca do OI.

Veja os exemplos:

Obedeço **a** velhos preceitos. / Não desobedeço **a** meus princípios.

Respondi **a** várias questões propostas. / Necessitamos **de** ajuda.

Implica sempre **com** o irmão. / Não acreditamos **em** soluções fáceis.

d. Verbos Transitivos Diretos ou Indiretos (P2 ou P3)

Nesse grupo, há verbos cuja regência está dependente do sentido, isto é, conforme o sentido que o verbo tem no contexto, será transitivo direto ou transitivo indireto. Na realidade, são verbos com sentidos e comportamentos sintáticos diferentes mas grafados do mesmo modo. Quer ver?

AGRADAR

Quando significa *fazer carinho, acariciar, mimar, contentar*, é **vtd**.

Ex.: Ela sempre agrada **o filho** com alegria. / Nunca o vejo agradar **seu cão**.

Quando tem o sentido de *satisfazer, causar agrado, ser agradável a*, é **vti**.

Ex.: O candidato indicado pelo partido não agradou **aos eleitores**.

O espetáculo agradou inteiramente **ao público**.

A anedota desagradou **à platéia**.

ASPIRAR

Com o sentido de *sorver, inspirar, inalar*, é **vtd**; significando *almejar, ambicionar, desejar muito, torna-se vti*. Não aceita lhe como complemento, mas apenas a ele, a ela, a eles, a elas.

Ex.: Há anos venho aspirando as emissões de poluentes destas indústrias.

Muitas pessoas aspiram a um cargo público.

Aspiramos a um país melhor.

Há verbos cuja transitividade é estabelecida pela presença ou ausência de pronome. Esse é o caso de *esquecer* e *lembrar*. Se o verbo não é pronominal, ou seja, não está acompanhado por pronome como me, te, se, nos, sua transitividade é direta: ao contrário, se está acompanhado de pronome, é transitivo indireto. Exemplos:

Esqueci tudo. (vtd)

Não esqueça seus amigos.(vtd)

Esqueci-**me** de tudo.(vti)

Não **se** esqueça **de** seus amigos.(vti)

Não lembro nada.(vtd)

Lembramos Betinho com orgulho. (vtd)

Não **me** lembro **de** nada. (vti)

Lembramo-**nos** hoje **de** Betinho. (vti)

e. Verbos Transitivos Diretos e Indiretos (P4)

Há verbos que são acompanhados de um objeto direto e de um objeto indireto, por isso alguns gramáticos os chamam de bitransitivos. Merecem destaque nesse grupo:

AGRADECER, PERDOAR e PAGAR

Esses três verbos têm uma idiosincrasia, uma particularidade: impõem restrições de sentido a seus complementos. Só pode ser OD o complemento que indica coisa (mercadorias, objeto, serviços...) e OI o que indica pessoa, ou, dito de outro modo, apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa. Quer observar essas restrições em exemplos?

Agradei a ajuda **a** meu velho amigo.

Não perdoarei a dívida **aos** maus pagadores.

Pagamos as contas **ao** cobrador.

O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado:

Agradei um favor. / Agradei-**o**.

Agradei a um amigo. / Agradei-**lhe**.

Perdoei a dívida. / Perdoei-**a**.

Não perdoarei aos maus pagadores. / Não **lhes** perdoarei.

Pagaram as contas. / Pagaram-**nas**.

Pagaram aos credores. / Pagaram-**lhes**.

A tirinha abaixo trata, com humor, da intenção de um bárbaro viking classe média pagar aos credores o que deve.

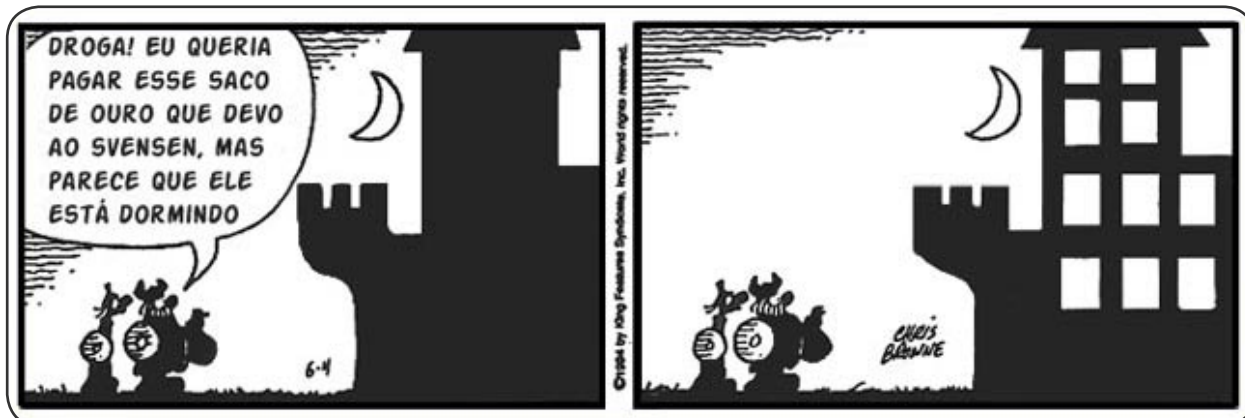


Figura C.4 - Regência verbal III (Browne, Dik. O melhor de Hagar: o horrível. LPM, 2006).

COMUNICAR (INFORMAR, AVISAR, CIENTIFICAR...)

Esse grupo de verbos não restringe semanticamente seus objetos, isto é, apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa. O único cuidado é dar a eles dois complementos diferentes! Um objeto direto e outro indireto.

- Comunique **a nova data aos alunos**. - Comunique-**a** aos alunos.
- Comunique-**lhes** a nova data.

PREFERIR

Na língua culta, deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição **a**.

Prefiro doces **a** salgados.

Preferimos liberdade **a** privilégios.

Prefiro que me ensines **a** que me dê a resposta.

OBSERVAÇÃO: Esse verbo deve ser usado sem termos intensificadores como *muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes*. Desse modo, está inadequada a construção: "Prefiro mais doces que salgados."

ATIVIDADE

Atividade C1 - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

2. Concordância

Conforme Luft (1981), concordância é “o princípio segundo o qual certos termos (dependentes, determinantes) se adaptam, na forma, às categorias gramaticais de outros (principais, determinados)”. A relação sintática de concordância é aquela estabelecida entre o verbo e o seu sujeito e entre os adjetivos e os substantivos que eles caracterizam.

2.1. Concordância verbal

Você lembra da manchete destacada para a abertura dessa unidade?

Com o objetivo de discutir a concordância, vamos apresentá-la de novo, seguida de uma nova versão.

Novo estudo prevê grandes mudanças climáticas em 2100.

Novos estudos prevêem grandes mudanças climáticas em 2100.

O que mudou sintaticamente com o fato de o sujeito ter ido para o plural?

O verbo alterou-se, ajustando-se ao seu sujeito, porém o complemento verbal não se alterou. Por quê?

Agora, estamos centrando nossa atenção numa nova relação sintática, que se estabelece entre o verbo e seu sujeito, e não incide sobre a relação entre o verbo e seus complementos, que, como já visto, é uma questão de regência. Qual é essa nova relação?

Estamos falando da concordância verbal; existe também a concordância nominal, responsável pelo adjetivo *novo/novos* ter se ajustado ao substantivo que modifica, *estudo/estudos*. Devido às limitações de tempo, não trataremos desse tipo de concordância, porém deixamos a indicação de você consultar sua gramática para revisar novamente essa parte, que na escola já foi tratada nas aulas de sintaxe.

Antes de voltarmos à concordância verbal, leia duas belas peças publicitárias que a fundação Onda Azul veiculou nos meios de comunicação. Vá até o banco de textos para conferir toda a campanha. Vale a pena!

Só nos países em desenvolvimento existem 280 milhões de pessoas sem água em suas moradias. E a escassez já atinge 40% da população mundial. Aqui no Brasil, quem vai lutar para evitar que isso continue a acontecer? **Quem, além de mim e de você? A ONDA É PROTEGER A ÁGUA**



Figura C.5 - Concordância verbal I (Revista Vogue Brasil, Estas incríveis marcas e seus criadores maravilhosos. 1999).

As cidades brasileiras despejam 10 bilhões de litros de esgotos por dia no solo e nos cursos d'água. Quem pode fazer alguma coisa para evitar esse absurdo? **Quem, além de mim e de você? A ONDA É AMAR A ÁGUA**



Figura C.6 - Concordância verbal II (Revista Vogue Brasil, Estas incríveis marcas e seus criadores maravilhosos. 1999).

Transcrevemos a seguir algumas frases dessa campanha que evidenciam, através de números, a gravidade do problema da água em nosso planeta e em nosso país.

As cidades brasileiras despejam 10 bilhões de litros de esgotos por dia no solo e nos cursos d'água.

Só nos países em desenvolvimento existem 280 milhões de pessoas sem água em suas moradias. E a escassez já atinge 40% da população mundial.

Pelo menos 50% das praias brasileiras estão poluídas por esgotos, vazamentos de petróleo e lixo tóxico.

Vamos ver se você está atento às discussões feitas até agora, respondendo sem pestanejar: Há quatro expressões numéricas, todas com idéia de plural, porém somente duas levam o verbo para a terceira pessoa do plural. Como se explica isso?

Excelente se você pensou nas funções sintáticas que esses números integram nas orações de que fazem parte: *10 bilhões de litros de esgotos* e *40% da população mundial* integram o predicado como complementos verbais, portanto mantêm relação de regência com o verbo; *280 milhões de pessoas sem água em suas moradias* e *50% das praias brasileiras* ocupam a posição de sujeito e, como o sujeito é quem determina a concordância, o verbo concorda com esse termo.

Apresentada assim, a explicação é simples, porém não é óbvia: precisamos de alguns conhecimentos para respondermos com correção e convicção. Por exemplo, na segunda frase, o sujeito está posposto, está ocupando a posição do OD na ordem direta, causando, provavelmente, dificuldade com a concordância. Aqui, é necessário lembrarmos que o sujeito pode sair de sua posição de vir antes do verbo, o que já estudamos anteriormente, e que a posposição, neste caso, não altera em nada a concordância.

Desse modo, ao tratarmos de concordância verbal, o sujeito é fundamental, pois a regra geral diz que "o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito". Essa regra vale para a imensa maioria dos casos.'

ATENÇÃO!! As gramáticas normalmente apresentam essa regra e, na tentativa de descrever outras possibilidades, muitas delas estilísticas, elencam dezenas de outras regras, que parecem exceções à regra geral. Há realmente várias possibilidades de termos, em muitos contextos, uma concordância alternativa à regra geral. Mas são alternativas, não exceções!

Veja duas manchetes destacadas da edição de Zero Hora de 04/02/07, que aborda a criminalidade no RS e no Brasil:

Um terço dos detidos vai para o Presídio Central

90% dos jovens infratores têm pouco estudo

Maioria dos adolescentes internados por crimes não chegou à 8ª. série

Novamente um sério problema social apresentado objetivamente por números. Vamos olhar a construção dessas frases, atentando para a feição do **sujeito**.

COMENTÁRIO: Na primeira manchete, temos um número fracionário seguido de uma expressão » **Um terço + dos detidos**; na segunda, temos uma estrutura semelhante, apenas com número percentual » **90% + dos jovens infratores**. Essas estruturas não devem ser tratadas como exceções no estudo da concordância, e sim como feições diferentes que o sujeito toma para tratar, por exemplo, a expressão numérica de dados. A regra geral continua valendo, porém adequando-se à expressão numérica: **um terço (singular) » vai (singular), 90% (plural) » têm (plural)**.

GUARDE BEM!! Como dissemos acima, esses sujeitos apresentam feições diferenciadas daqueles sujeitos simples, formados de um substantivo apenas, por exemplo. Assim, dada a variedade de possibilidades de expressar distintas situações, há uma riqueza grande na expressão do sujeito: há sujeitos simples formados por expressões numéricas ou partitivas, outros com feição de plural aparente; há sujeitos compostos cujos núcleos estão dispostos em gradação ou são resumidos por um pronome, só para citar algumas possibilidades. Essa riqueza é que pode causar a falsa impressão de que a regra geral se aplica a poucos casos e o que predomina, em concordância verbal, é a exceção. Isso é um engano! Retorne à campanha da Onda Azul para verificar que todos os verbos seguem a regra geral.

Esclarecida a questão de que regra geral é regra geral, vamos propor uma forma de você sistematizar as várias informações sobre esse tópico que você certamente já estudou na escola e que se encontram nas gramáticas.

Cuidados na aplicação da concordância verbal

Na aplicação da **regra geral**, alguns cuidados são necessários. O primeiro é com os verbos que caracteristicamente vêm com **sujeito posposto**, como os destacados no quadro a seguir.

Bastaram quatro segundos para a queda do edifício.
Existem inúmeros pedidos de reingresso. **Devem existir** falhas no projeto.
Cairão os índices de preços com as novas medidas?
Vendem-se muitos apartamentos na praia, nesta época do ano.

Em outros casos, a **extensão** ou a **distância/posição** do sujeito pode induzir a equívocos na hora de fazer a concordância. Preste atenção nos exemplos:

A impopular medida das alterações nas políticas públicas causou constrangimento aos líderes do governo.
As recentes e dramáticas mudanças na economia mundial levarão a transformações sociais importantes?
A discussão sobre sanções penais aos jovens infratores, segundo o jornalista apurou com os especialistas consultados, **provoca** ainda grandes debates.

Outras vezes, precisamos lembrar que há **estruturas frasais** em que **não há sujeito** ou **este está indeterminado**, o que leva o **verbo** a ficar na **terceira pessoa, geralmente do singular**. Veja alguns exemplos.

Haveria dúvidas sobre nossa honestidade? **Poderia haver** dúvidas ainda, sim. **Havia/Fazia** cinco anos que se mudara. **Devia fazer** cinco anos que se mudara. Nesta época do ano, em décadas passadas, **fazia** dias insuportáveis. **Precisa-se** de dois novos bolsistas. **Assiste-se** a bons espetáculos aqui. **Falaram** bem desse professor. **Telefonaram** para você.

ATENÇÃO!! Para concluirmos essa revisão, vamos lembrar que muitas gramáticas dividem o tema da concordância verbal com base na composição do sujeito: sujeito simples ou composto. A partir das feições que esses dois tipos de sujeito tomam, estabelecem-se a(s) forma(s) de concordância. Vejamos um exemplo, a frase que segue a manchete sobre os jovens infratores:

(98) **Maioria dos adolescentes internados por crimes não chegou à 8ª. série**

COMENTÁRIO: O sujeito **Maioria dos adolescentes internados por crimes** é um caso de sujeito simples, formado por uma expressão partitiva, aquelas que introduzem noção de quantidade: grande número, grande parte, por exemplo. Pode-se aplicar a regra geral, como fez o jornalista, fazendo-se o verbo concordar com o núcleo do sujeito, que é **maioria**. Porém, podemos ter uma outra possibilidade, orientada pelos efeitos de sentido intencionados, e fazer a concordância com o que segue a expressão partitiva » **Maioria dos adolescentes internados por crimes não chegaram** à 8ª. série. Essa é a chamada concordância ideológica.

Encerrando a unidade, vamos tratar do único verbo que tem licença para fazer uma concordância alternativa, e não concordar com o seu sujeito. Você sabe qual é esse verbo?

Acertou quem pensou nele, o verbo **SER!**

O homem **será** cinzas no futuro.

O problema **são** os professores.

As namoradas **são** a dor de cabeça da mãe.

A dúvida **são** os convidados.

O aluno **és** tu.

O professor **é** ele.

Quem **são** eles?

Isso **(é) são** calúnias!

Tudo **(é) são** flores na vida do casal.

Aquilo **eram** mentiras.

O que você observou nos exemplos acima? Esses exemplos mostram uma possibilidade, além da aplicação da regra geral: a de o verbo ser concordar com o seu predicativo! Isso mesmo: o predicativo pode levar o verbo ser a concordar com ele. Observe como o verbo ser concorda com a expressão numérica *8 da noite* no quadrinho abaixo. Você acha que, se Hagar argumentasse com Helga que “agora são apenas oito horas da noite, querida!”, ele escaparia do rolo?

! ALERTA

A concordância é um tema muito interessante, se você tiver a clareza de que há uma regra geral (aplicada na maioria dos casos) e outras regras que pretendem dar conta da rica expressividade que marca nossa língua e de que os usuários da língua se valem para construir as interações no dia-a-dia.



Figura C.7 - Concordância do verbo ser (Browne, Dik. O melhor de Hagar: o horrível. LPM, 2006).

DICA!! Se você quer revisar as regras, vá até o banco de anexos e imprima o arquivo que contém as principais regras de concordância da Língua Portuguesa.

UNIDADE D

Problemas de construção frasal

Objetivos

- identificar e categorizar os problemas de construção relacionados com a má estruturação frasal;
- reconhecer formas de eliminar problemas para reescrever estruturas frasais defeituosas;
- distinguir as situações em que a fragmentação, falta de paralelismo e ambigüidade são problemas daquelas em que são estratégias de construção de sentido.

Introdução

Nesta unidade, com a qual finalizaremos a disciplina de Fundamentos Gramaticais de Língua Portuguesa, você observará os **problemas de estrutura frasal** mais recorrentes na nossa língua, como **a fragmentação, a ambigüidade e a falta de paralelismo**.

A capacidade de identificar e corrigir os problemas frasais, vale lembrar, é fundamental para um futuro professor de línguas, que frequentemente se deparará com construções frasais inadequadas produzidas por seus alunos. Assim, pensando no seu exercício profissional futuro, nesta unidade, introduzimos um novo gênero para análise, a redação do vestibular. Foram selecionados fragmentos desse gênero, para comentarmos e organizarmos informações sobre os problemas de construção de frases mais comuns na escola.

1. Fragmentação

Na obra *Guernica*, de Pablo Picasso (www.di.ufpe.br/~ehcj/pintura1.htm), você pode observar o famoso quadro de Pablo Picasso, que retrata a destruição da cidade espanhola de Guernica, durante a segunda guerra mundial. Nele, as pessoas, animais e objetos são representados propositalmente de forma fragmentada, para simbolizar os horrores da guerra.

Se na pintura a fragmentação é possível, na linguagem ela também pode acontecer. Vejamos como.

Leia atentamente as manchetes abaixo.

(99) *Educar para a cidadania, sim. Mas com conteúdo* (Escola, 09/2004)

(100) *Gabiru decide. De novo* (ZH, 05/03/2007)

Provavelmente você não encontrou nessas manchetes nenhum problema semântico, já que elas veiculam suas mensagens de forma eficiente. Porém, ambas apresentam-se em situação de fragmentação. O que quer dizer isso?

Na primeira manchete, *Educar para a cidadania, sim* constitui uma frase com sentido completo. Já a segunda, onde parte dela está subentendida (*Educar para a cidadania*) *Mas com conteúdo*, tem seu sentido estreitamente associado à anterior, tanto que as duas informações estão ligadas por uma idéia de ressalva, que é indicada pela conjunção adversativa *mas*. Essas duas construções estão, portanto, coordenadas, e, pelos critérios sintáticos, deveriam estar reunidas numa única construção: *Educar para a cidadania, sim, mas com conteúdo*.

Já na segunda manchete, temos uma frase / oração constituída por um sujeito simples (*Gabiru*) e um verbo (*decide*), que, nesse caso é intransitivo. A segunda frase não é uma oração, está composta apenas por um adjunto adverbial indicativo de tempo (*De novo*). Essa segunda frase está fragmentada, pois deveria estar ligada à primeira formando uma única frase/oração: *Gabiru decide de novo*.

Depois dessa análise, você deve estar pensando que os jornalistas da revista *Escola* e do *Jornal Zero Hora* estão precisando de umas aulas de gramática, certo? Pelo contrário, eles foram muito criativos no uso da língua, utilizando a fragmentação como recurso estilístico.

Esse recurso foi utilizado, na primeira manchete, para destacar a informação relativa à *educação com conteúdo* na prática educativa. Isto é, o jornalista reservou uma frase inteira à idéia da *educação com conteúdo*, em vez de juntar as duas informações (*educação para a cidadania + educação com conteúdo*) em um mesmo período.

O mesmo ocorreu na segunda manchete, em que o redator dá destaque, por meio do isolamento do adjunto adverbial em uma única oração (*De novo*), ao fato de ser sempre Gabiru o responsável pelo resultado dos jogos decisivos.

Muitas publicidades também fazem uso da fragmentação como recurso estilístico. Abaixo, no anúncio da Natura, as orações estão separadas por ponto final, para separar o tradicional e atemporal slogan da marca Natura (*Feliz Brasil pra você*) de uma circunstância temporal, o ano de 2005. Já a publicidade da Caixa Econômica Federal, separa *Caixa* do restante da oração, fazendo com que o nome do banco obtenha um lugar de maior destaque no anúncio.

Feliz Brasil pra você. Também em 2005 (Natura, publicado em Veja, 12/01/05).

Caixa. Produtos, serviços e programas tão diversos quanto os municípios do Brasil (Caixa Econômica Federal, publicado em Veja, 12/01/05)

Mas, afinal, a fragmentação é ou não um problema de construção frasal?

Sim e não. Quando está sendo usada **intencionalmente** com objetivos estilísticos, tal qual nos exemplos apresentados acima, a fragmentação é considerada positiva, pois ajuda o autor a atingir seus objetivos comunicativos e até a “embelezar” seu texto. No entanto, quando a fragmentação decorre de problemas de pontuação ou do desconhecimento dos padrões frasais da língua, ela é inadequada e pode inclusive gerar dificuldades de compreensão do texto.

Frases fragmentadas podem surgir, de acordo com Moreno & Guedes (1995), ao se pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução ou termo de oração como se fosse um período completo.

A fragmentação é um problema comumente encontrado nas redações de vestibulandos. Os exemplos abaixo foram extraídos de redações que discutiam os temas do consumismo e do uso de drogas. Neles você pode observar casos de fragmentação decorrentes da pontuação de orações dependentes / subordinadas como se fossem um período completo.

Ao falar dessas classes sociais, podemos destacar entre elas a sociedade consumista. **Que trata daquelas pessoas que, sem se dar conta, só pensam em gastar dinheiro** (Pré-vestibulando 2007).

Bom senso, acima de tudo, aliado à clareza e determinação sobre aonde se quer chegar já bastam. **Pois tendo o objetivo límpido e a força de vontade necessária para não se abalar perante algumas das frivolidades impostas como importantes no dia-a-dia, resultará no bom senso já citado** (Pré-vestibulando 2007).

Também tenho pena dos professores que não cansam de passar para seus alunos tudo sobre a maleficência das drogas, e dos publicitários que martelam na mídia o mesmo. **Porque sempre vai haver alguém em estado de contrariar tudo isso e se entregar** (Pré-vestibulando 2007).

Agora que já somos capazes de identificar uma **frase fragmentada** que gera problemas de compreensão, temos que conhecer **mecanismos para corrigi-la**. Um dos mais lógicos é **mudar a pontuação** para ligar a frase fragmentada à oração anterior. Se tomarmos o primeiro exemplo das frases dos vestibulandos, poderíamos corrigir o texto simplesmente substituindo o ponto final por uma vírgula, o que faria com que voltasse a existir a relação de subordinação.

Já no segundo exemplo, se religarmos as duas frases por meio de uma vírgula, estaremos incorrendo em outro problema: a construção de uma frase muito longa e pouco clara. Por isso, a melhor alternativa, nesse caso, é reescrever a frase. A **reescrita** consiste na segunda estratégia para correção da fragmentação frasal.

2. Falta de paralelismo

Vamos tratar agora de um novo aspecto: o paralelismo, e a imagem a seguir vai nos ajudar a começar essa discussão. Vamos fazer uma atividade lúdica? O que você está vendo na figura?

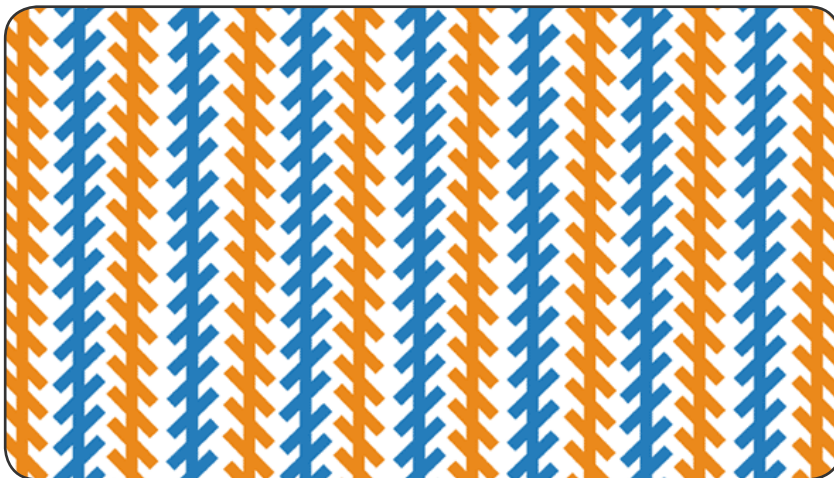


Figura D.1 - Paralelismo

Você vê linhas paralelas em laranja, como se fossem cercas? E as azuis são trilhos de trem? Entre outras, essas duas são leituras possíveis para a imagem. Nosso objetivo, neste momento, é utilizar a imagem para visualizar o que, lingüisticamente, entendemos por estruturas paralelas.

O paralelismo é uma antiga convenção da escrita que consiste em apresentar idéias similares numa forma gramatical idêntica. O paralelismo ajuda a tornar a frase gramaticalmente clara, ao apresentar elementos da mesma hierarquia e função gramaticais na mesma forma de construção gramatical.

Embora seja um recurso muito importante para a veiculação clara de uma idéia e até para a harmonia do texto, as pessoas sentem certa dificuldade de perceber e evitar a falta de paralelismo, já que, muitas vezes, a falta de paralelismo não impede a compreensão da mensagem.

Vamos pôr esse conhecimento em prática? Observe atentamente as frases abaixo, que foram retiradas de textos noticiosos dos jornais *A Razão*, *Zero Hora* e *Correio do Povo*. Acompanhe o comentário sobre os problemas que comprometem a clareza desses fragmentos e sugestões de eliminá-los.

(101) *O segundo governo Lula e o primeiro de Yeda Crusius ainda não começaram, mas ambos deram sinais claros de como vão chegar ao fim: sem que a máquina pública sirva ao cidadão* (ZH, 18/11/06)

No exemplo acima, em que se avalia a atuação de Lula e Yeda Crusius em seus futuros governos, a falta de paralelismo aparece no momento em que a preposição *de* é utilizada antes de *Yeda Crusius*, mas é dispensada antes de *Lula*. Nesse caso, a palavra *governo* se refere tanto a Lula quanto a Yeda Crusius, e as duas idéias similares deveriam ser apresentadas de forma similar:

*O segundo **governo de** Lula e o primeiro **de** Yeda Crusius ainda não começaram, mas ambos deram sinais claros de como vão chegar ao fim: sem que a máquina pública sirva ao cidadão.*

*O segundo **governo Lula** e o primeiro **Yeda Crusius** ainda não começaram, mas ambos deram sinais claros de como vão chegar ao fim: sem que a máquina pública sirva ao cidadão.*

(102) *O meia Alex disse que o Inter precisa jogar firme e com determinação para ganhar o jogo* (CP, 11/12/06).

No fragmento, a fala do jogador meio-campista Alex, transcrita na notícia, estaria adequada se as duas características destacadas para o Internacional ganhar o jogo fossem apresentadas na forma ou de adjetivos ou de substantivos.

*O meia Alex disse que o Inter precisa jogar **firme** e **determinado** para ganhar o jogo*

*O meia Alex disse que o Inter precisa jogar **com firmeza** e **determinação** para ganhar o jogo*

(103) *Ontem, no encerramento em Santo Antônio, cerca de 8 mil pessoas puderam ir à missa, almoçaram e assistir às atrações musicais como o show de Nelsinho Lopes e do humorista Mulita* (AR, 22/01/07)

No fragmento acima, o jornalista inicia a apresentação das atividades realizadas pelos participantes da festa de Santo Antão com o verbo poder (*puderam*). Em seguida, ele expõe o que essas pessoas puderam fazer durante a festa: ir à missa, *almoçar* e assistir às atrações musicais. No entanto, ao redigir o texto, não mantém o verbo almoçar no infinitivo, como fez com *ir* e *assistir*, de maneira que estivessem todos relacionados a *puderam* (*puderam ir, puderam almoçar, puderam assistir*). Não apresenta, portanto, idéias similares (atividades que compunham a programação da festa) de modo gramaticalmente similar.

A escrita adequada da frase seria:

*Ontem, no encerramento em Santo Antão, cerca de 8 mil pessoas puderam **ir à missa, almoçar e assistir** às atrações musicais como o show de Nelsinho Lopes e do humorista Mulita (AR, 22/01/07)*

2.1. Paralelismo nas correlações

Um tipo específico de paralelismo é aquele que estabelece paralelos entre os elementos correlacionados pelas expressões ao lado.

(104) *A visão de que o Brasil persegue seus homossexuais, no entanto, **não só** parece estar se disseminando nos EUA, **como** dá mostras de estar institucionalizada* (Veja, 05/05/2004).

(105) *Nos últimos anos, os homossexuais brasileiros **não** conquistaram apenas visibilidade, **mas** direitos legais* (Veja, 05/05/2004).

É freqüente, porém, o erro de colocar o primeiro termo da expressão correlata fora da posição, rompendo o paralelismo, como ocorreu no exemplo (105). A organização sintática adequada para essa frase exige que sejam colocados em paralelismo as duas conquistas, por isso o verbo deve sair da estrutura paralela, o primeiro elemento da correlação deve ser antecedido por *não apenas* e o segundo por *mas também*. *Veja como a frase ganha em clareza:*

*Nos últimos anos, os homossexuais brasileiros conquistaram **não apenas** visibilidade, **mas também** direitos legais.*

Veja outros exemplos em que se deve observar o paralelismo.

(106) *Não foram apenas as ruas chilenas que comemoraram **ou** lamentaram a morte de Pinochet* (CP, 11/12/2006)

(107) *“Freddie é jovem sexy e tem um corpo fantástico, que atrai **tanto** os homens **quanto** as mulheres”, justifica o estilista* (Veja, 05/05/2004).

Não só...	mas (como) também
Nem...	nem
Ou...	ou
Tanto...	quanto (como)
Quer...	quer, etc.

Figura D.2 - Paralelismo nas correlações

Vejam outras frases com falta de paralelismo nas correlações.

1. **Ou** você desconta o cheque na Central **ou** na Agência do Campus.

Correção: Você desconta o cheque **ou** na Central **ou** na Agência do Campus.

2. Eu **não só** desconheço o modo de consertar o motor, **como também** o modo de desmontá-lo.

Correção: Eu desconheço **não só** o modo de consertar o motor, **como também** o modo de desmontá-lo.

3. Muitas pessoas **nem** se aplicam ao trabalho **nem** ao estudo.

Correção: Muitas pessoas não se aplicam **nem** ao trabalho **nem** ao estudo.

2.2. Paralelismo do “e que”

Há uma inadequação que consiste em usar “e que” numa frase que não contém nenhum “que” anterior. Analise os exemplos a seguir:

*Ele é um homem de muita experiência **e que** tem grande popularidade entre seus colegas.*

CORREÇÃO: *Ele é um homem de muita experiência **e de** grande popularidade entre seus colegas./ Ele é um homem de muita experiência, que tem grande popularidade entre seus colegas. / Ele é um homem que tem muita experiência e grande popularidade entre seus colegas.*

*Era um dia nublado, cinzento **e que** nos deixava nostálgicos.*

CORREÇÃO: *Era um dia nublado, cinzento, **que** nos deixava nostálgicos*

2.3. Falso paralelismo

Se é verdade que se deve manter o paralelismo gramatical para idéias semelhantes, é verdade também que não se deve cair no erro oposto: dar forma paralela para idéias que não o são. Esse problema pode ser encontrado **nas** frases a seguir.

1. **Na Europa, ele teve oportunidade de visitar Paris, Munique, Roma e sua avó.**

CORREÇÃO: *Na Europa, ele teve oportunidade de visitar Paris, Munique, Roma e a cidade onde mora sua avó.*

Na Europa, ele teve oportunidade de visitar Paris, Munique e Roma. Também aproveitou para rever sua avó em Milão.

2. Ensinaram-lhe a generosidade, o esforço e as artes plásticas.

CORREÇÃO: *Ensinaram-lhe a generosidade, o esforço ao mesmo tempo que o iniciaram nas artes plásticas.*

Ensinaram-lhe as artes plásticas e com ela a generosidade e o esforço.

É importante observar, porém, que o falso paralelismo pode ser utilizado em textos literários e publicitários como recurso expressivo.

2.4. Paralelismo semântico

Há ainda casos em que encontramos paralelismo gramatical, mas não correlação de sentido ou conveniência de situações, como explica Othon Garcia (1995). Vamos analisar as frases 1 e 2 a seguir.

- 1. Há uma grande diferença entre os candidatos a matrículas e as vagas nas escolas.*
- 2. Enquanto os Estados Unidos vive de forma luxuosa, os indivíduos do nordeste do país passam fome.*

Na primeira delas, para que o paralelo esteja adequado, falta a explicitação na frase da palavra *número*, já que a comparação que se pretendia realizar se dava entre o **número de candidatos** a matrículas e o **número de vagas** nas escolas. Da maneira como está redigida, o autor afirma que há diferença entre duas entidades que são evidentemente diferentes: candidatos, que são pessoas reais, e vagas, que é uma noção abstrata.

Há uma grande diferença entre o número de candidatos a matrículas e o de vagas nas escolas.

Na segunda frase, a comparação não é apropriada porque se compara o **país** Estados Unidos com **indivíduos** nordestinos. A comparação deveria envolver entidades semelhantes: Estados Unidos X Brasil; indivíduos do nordeste brasileiro X indivíduos norte-americanos.

Enquanto os norte-americanos vivem de forma luxuosa, os nordestinos brasileiros passam fome.

Enquanto os Estados Unidos vive de forma luxuosa, o nordeste do Brasil passa fome.

Assim como o falso paralelismo, a falta de paralelismo semântico pode, muitas vezes, constituir interessante recurso nos gêneros humorísticos, na literatura ou na publicidade. Veja o exemplo a seguir.

“Estimula os cinco sentidos: nariz, olhos, ouvidos, abraços e beijos”
(publicidade do perfume Ototemo).

Othon Garcia apresenta fragmentos literários para destacar a expressividade explorada com falta de paralelismo semântico.

1. *Fiz duas operações: uma em São Paulo e outra no ouvido.*
(Paulo Mendes Campos)
2. *“Marcela amou-me durante quinze dias e onze contos de réis.”*
(Machado de Assis)
3. *“Cardíaco e melancólico, o
amor ronca na horta entre
pés de laranjeira entre
uvas meio verdes e desejos
já maduros”* (Carlos D. de Andrade)

3. Ambigüidade

Em muitas construções, o descuido com a estrutura frasal permite a formação de uma frase ambígua, isto é, uma frase que pode ter **dupla interpretação**. Vamos ver como isso é possível?

A ambigüidade consiste na possibilidade de algumas construções lingüísticas, quer pela escolha lexical, quer pela estrutura frasal, permitirem mais de uma leitura. Leia atentamente as manchetes destacadas e o comentário sobre as possíveis leituras dessas construções.

(108) *Agricultores pedem hoje mais apoio a Lula* (CP, 16/03/2005)

Na manchete acima, uma das possíveis interpretações é a de que os agricultores estão pedindo à Lula mais apoio para a causa da agricultura. Outra é a de que pedem para a sociedade que dê mais apoio ao presidente Lula. O que gera ambigüidade nessa frase é a posição do termo a *Lula*, que pode ser interpretado tanto como complemento indireto do verbo quanto complemento nominal de apoio. Poderíamos, então,

+ SAIBA MAIS

O cérebro humano é incapaz de dar **duas interpretações** ao mesmo tempo a uma imagem ou enunciado lingüístico. Por isso, quando vemos uma imagem ou frase ambígua tendemos a interpretá-la de uma única forma, sem nos darmos conta de que há outras compreensões possíveis.

solucionar o problema do duplo sentido com a mudança de posição do segmento ambíguo. Se, além disso, quisermos explicitar o complemento de apoio, a frase certamente ficará com uma só interpretação:

*Agricultores pedem hoje a Lula mais apoio à **causa da agricultura**.*

Se é a segunda leitura a pretendida, devemos esclarecer a quem se pede o apoio a Lula:

*Agricultores pedem hoje à **sociedade** mais apoio a Lula.*

Agora vamos analisar a manchete seguinte:

(109) *Fiéis subiram o morro e levaram água para receber a bênção* (AR, 22/01/2007)

Nela podemos entender que tanto os fiéis subiram o morro para tomar a bênção e levaram água consigo, quanto os fiéis subiram o morro levando água para que esta fosse benzida. O duplo sentido da manchete decorre da posição no final da frase do segmento *para receber a bênção*, fazendo com que ele possa ser associado tanto a *fiéis* quanto à *água*. Para solucionar o problema, uma das alternativas é aproximar o sintagma *para receber a bênção* da palavra *fiéis*.

*Fiéis subiram o morro **para receber a bênção** e levaram água.*

***Para receber a bênção**, fiéis subiram o morro e levaram água.*

Se o sentido almejado fosse o outro, isto é, de que a água era que receberia a bênção e não os fiéis, então seria necessário reescrever a manchete, deixando mais clara essa relação.

*Fiéis subiram o morro e levaram água **para ser abençoada**.*

Aqui, como *fiéis* está no plural e *água* no singular, o particípio *abençoada*, que está no singular, pode se relacionar sintaticamente apenas com a *água*.

Consideremos o exemplo (110):

Veja, no próximo bloco, as previsões do tempo para o final de semana que está começando em todo o estado (locução de um telejornal, 16/01/04)

A apresentadora de um conhecido telejornal gaúcho inclui, entre as chamadas para o próximo bloco do programa, a previsão do tempo para o final de semana no estado do Rio Grande do Sul. Mas, ao situar o adjunto adverbial *em todo o estado* no final da frase, ela permitiu que os telespectadores interpretassem a manchete de duas

maneiras, pois, mesmo tendo uma interpretação veiculada pela voz, o que normalmente desfaz a ambigüidade, esta permaneceu. Uma das interpretações é a de que serão fornecidas as previsões do tempo referentes a todo o estado do RS para o período do final de semana que está começando. A outra interpretação é de que serão fornecidas as previsões do tempo (do Brasil, do planeta) para o período de final de semana e que este está começando no estado, o que é incoerente com o nosso conhecimento de mundo, pois o fim de semana começa no RS, no Brasil e no planeta.

Uma reescrita que desfaz a ambigüidade é deslocar o AA ambíguo:

*Veja, no próximo bloco, as previsões do tempo **em todo o estado** para o final de semana que está começando.*

*Polícia federal prende acusado de terrorismo **nos EUA***

Nos casos comentados acima, o jornalista certamente não almejava esse efeito de ambigüidade para suas manchetes, afinal, ela confunde o leitor sobre a realidade dos fatos que estão sendo apresentados. Ela foi, portanto, resultado do descuido ou do desconhecimento com relação à expressão lingüística, devendo ser evitada.

No entanto, há casos em que a ambigüidade resulta de uma escolha consciente do produtor do texto, que a utiliza para alcançar um certo efeito expressivo ou argumentativo. Isso é muito comum na linguagem literária e publicitária e, então, não pode ser considerada um problema de construção frasal, mas um recurso lingüístico. Assim, resumidamente, a ambigüidade é explorada como um recurso criativo quando mantém propositalmente as duas (ou mais) significações; será considerada um problema quando o autor tem em mente um sentido e o leitor/ouvinte atribui à construção um outro sentido.

Neste curso, trataremos a ambigüidade como um problema a ser evitado. Por isso, estudaremos estruturas sintáticas que possibilitam a ocorrência da ambigüidade e mecanismos que permitem eliminá-la.

ATIVIDADE

Atividades Finais da Unidade - Para realizar a atividade, entre em contato com o professor da disciplina.

Bibliografia

- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos da Gramática do Português**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editor, 2004.
- BARROS, Nina Célia Almeida de e GEHRKE, Nara Augustin. **Caderno de Orientações Pedagógicas do PEIES**. Santa Maria: Imprensa Universitária, 1996.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1993.
- CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- DICIONÁRIO HOUAISS DE VERBOS DA LÍNGUA PORTUGUESA**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 16 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1995.
- GERALDI, João Vanderley. **Linguagem e ensino**. Exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- HENRIQUES, C. C. **Síntaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. Rio de Janeiro: Globo, 1981.
- MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**.
- MORENO, Cláudio & GUEDES, Paulo Coimbra. **Curso Básico de redação**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar a gramática na escola?** Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1986.
- SACCONI, L. A. **Nossa gramática: teoria e prática**. 26. ed. São Paulo: Atual, 2001.

SECRETARIA DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa**. Brasília : MEC, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997

